António Augusto Carvalho Monteiro

Um Naturalista Pioneiro

As colecções de História Natural

Fernando Vaz dos Santos Carvalho, Lisboa 2012
fvscarvalho46@gmail.com

Lisbonne, le 12 Janvier 1895
Mons.r le Dr K. Jordan

Je vous accuse réception de votre [illegible] qui me parvient à l'instant, et je m'empresse de vous y répondre.

Je ne connais pas le Papilio Dorrisii Monteiro, dont vous me parlez: ce n'est pas moi, qui l'ai nommé et classifié. Je vais en chercher des renseignements, et lorsque je les aurai, je vous les communiquerai. Est-il possible de m'en procurer des exemplaires? et à quel prix pour la paire ♂♀?

En vous présentant mes salutations, je vous prie, Mons.r et honoré collègue, d'agréer mes sentim.ts distingués.

Antonio Aug. de Carv.o Monteiro

Sambava

Frontispício: Carta enviada a Karl Jordan, entomologista ao serviço de Lionel Walter Rothschild no museu de Tring, UK (foto NHM Archives, Londres)

António Augusto Carvalho Monteiro – um Naturalista pioneiro

por
Fernando Vaz Santos Carvalho

Introdução

António Augusto Carvalho Monteiro nasceu a 27 de Novembro de 1848 no Rio de Janeiro onde viveu com os pais até aos 8 ou 9 anos. De regresso a Portugal a família estabeleceu-se em Coimbra, onde Carvalho Monteiro prosseguiu os seus estudos, tendo-se licenciado em 1871 em Direito e no curso Administrativo pela Universidade de Coimbra.

Ainda em Outubro de 1871, possuidor de uma já apreciável herança por morte da sua mãe, e impulsionado por uma crescente paixão pela entomologia (ciência que estuda os insectos) e em especial pelos lepidópteros (borboletas), viajou até Dresden, na Alemanha, para visitar Otto Staudinger (n.1830-f.1900) (Cruz Alves, com. pess.), então um dos maiores especialistas de lepidópteros do mundo, com inúmeros artigos publicados e autor da descrição de inúmeras novas espécies para a ciência. Contudo, a sua paixão pelas ciências da natureza iria abranger também a malacologia, a botânica e a ornitologia, das quais reuniria importantes colecções, como veremos mais adiante.

A foto do Luso

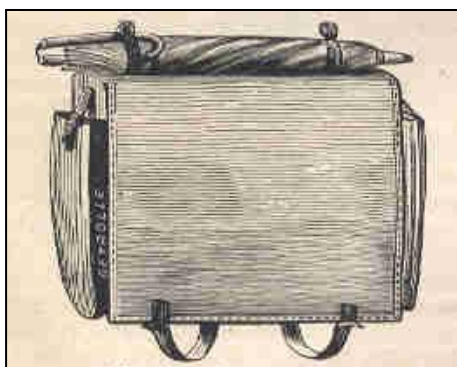
O primeiro testemunho do seu interesse pela colecção de lepidópteros e outros insectos é-nos dado pela seguinte foto, realizada no Luso em 1870 [Fig. 1], em que apresenta todo o equipamento necessário para o efeito (Carvalho, 2007).

Fig, 1 – Carvalho Monteiro no Luso em 1870.
Foto Fundação Cultursintra

Sendo esta foto provavelmente única a nível mundial, pela sua antiguidade e pela quantidade de equipamento apresentado, merece uma descrição mais pormenorizada dos diversos objectos que a compõem.

Carvalho Monteiro à data em que tirou este retrato tinha cerca de 22 anos. Posa, de forma invulgar em fotografias de entomologistas daquela época, com todo o seu equipamento de campo e de laboratório. Enverga um guarda-roupa adequado para saídas de campo, incluindo botas e um chapéu de abas largas. A sua postura aparente é a de um principiante, notoriamente entusiasmado pela perspectiva de iniciar uma colecção de borboletas, querendo mostrar para o mundo estar já devidamente equipado, com tudo o que de melhor os fornecedores da época tinham para oferecer.

O que de imediato desperta a curiosidade na foto é a variedade do equipamento em exposição e, principalmente, a difícil compreensão da funcionalidade de alguns dos objectos. Quanto ao equipamento que conseguimos identificar na foto, após consulta de diversa bibliografia, verificámos que tem correspondência exacta nos catálogos de Émile Deyrolle, firma francesa fornecedora de utensílios para Ciências Naturais desde 1831, muito conceituada na época, da qual encontramos referências ao seu material em Fairmaire & Berce (ante 1881); Eduardo Sequeira (1888); Albert Granger (1905), para além dos catálogos de 1889 e 1931 daquela firma, que consultámos. Neste último podemos ainda encontrar sem modificações a maioria dos equipamentos visíveis na foto, alguns dos quais actualmente caídos em desuso e até esquecidos. Carvalho Monteiro seria cliente da firma Émile Deyrolle nos restantes 50 anos da sua vida.

Analisemos então, por comparação com os catálogos de Emile Deyrolle e restante bibliografia, a função de cada um dos utensílios, para cada um dos quais incluímos a designação em inglês e francês, para melhor compreensão das publicações da época, bem como a correspondente figura nos referidos catálogos.

Objecto nº1 da Figura 1- Mochila

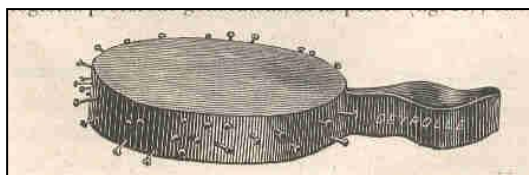
Mochila (knapsack, sac de touriste) objecto nº 1, Fig. 1 – No catálogo é designada por ‘Sac de Touriste complet pour la chasse des insectes’. Podia ser adquirido com um conjunto de redes de borboletas, um guarda-chuva de cabo articulado (ver item seguinte), diversas caixas, frascos, alfinetes entomológicos, pinças, etc. Era então, o que agora se poderia chamar de “kit de iniciação”.

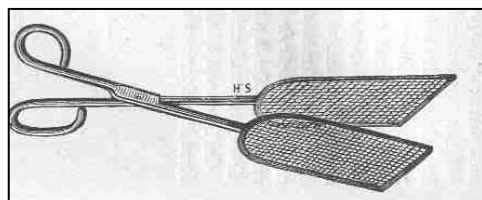
Chasse au parapluie.

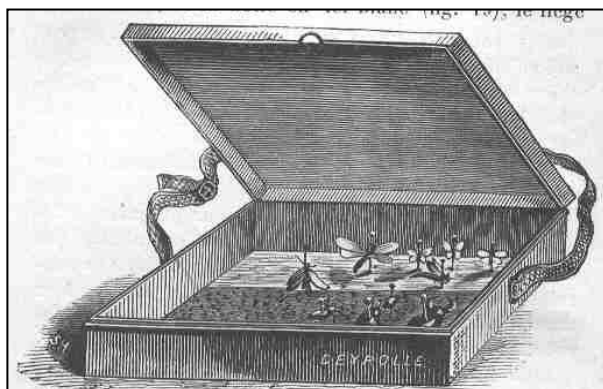
Objecto nº 1 da Fig. 1 - Utilização do guarda-chuva transportado no topo da mochila

Objecto nº 7 da Fig.1 – Maço

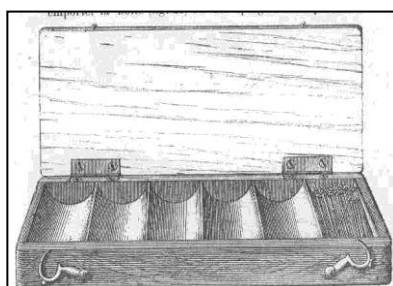
Guarda-chuva (beating tray, parapluie) – Era na realidade um guarda-chuva modificado, com um cabo articulado para permitir a sua utilização na recolha de insectos que tombam dos ramos das árvores, quando percutidos com uma vara, tal como mostra a figura. O guarda-chuva era transportado na parte superior da mochila amarrado por correias. Para percutir ramos ou troncos mais espessos utilizava-se como "maço" um instrumento de forma semelhante a meio "rolo da massa" (Objecto nº 7 da Fig. 1), que se pode ver nitidamente sobre a cadeira. Este era um cilindro de madeira revestido por uma chapa de chumbo de 1 Kg (!), sobre a qual era colocada uma folha de cortiça e, finalmente, uma de couro, para amortecer a pancada e não danificar a árvore.

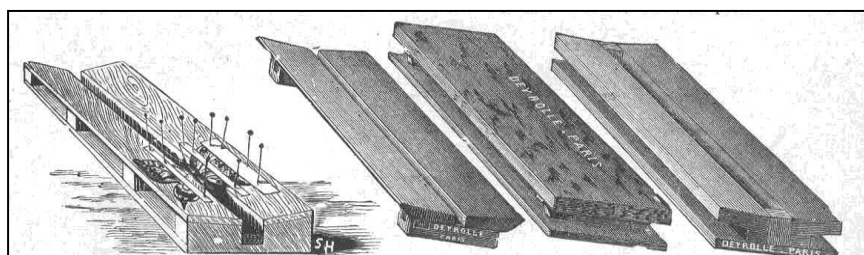
Atente-se, finalmente, na curiosa semelhança da indumentária do entomologista da gravura anterior (Fairmaire & Berce, ante 1881) com a de Carvalho Monteiro na foto, bem como na utilização da mochila e da caixa de "caça", igualmente colocada no lado esquerdo.

Objecto nº 2 da Fig. 1 – Almofada de alfinetes

Almofada de alfinetes (pincushion, pélote à épingles) objecto nº 2, Fig. 1 – O objecto de forma circular no peito de Carvalho Monteiro é uma almofada de alfinetes entomológicos. Na época era técnica corrente espetar as borboletas com alfinetes, logo após a sua recolha no campo, e colocá-las na caixa de "caça" que tinha fundo de cortiça. Para que os alfinetes estivessem sempre "à mão", a almofada, cravada de alfinetes de diversas espessuras, era suspensa de um botão do casaco (Granger, 1905), conforme modelo da Fig. 1, muito em voga em França. Nos restantes países europeus era também utilizada uma almofada, semelhante à dos alfaiates, cosida no forro do casaco. Este utensílio entomológico, anacrónico na América e na Inglaterra nos finais do século XIX, sobreviveu em França pelo menos até aos anos 30 do século XX (Wilkinson, 1975).

Objecto nº3 da Fig. 1– Pinça de raquete

Pinça de raquete (scissors net, pince à raquettes) objecto nº 3, Fig. 1 – Instrumento semelhante a uma tenaz com as extremidades largas (14x10 cm) revestidas com rede de tule fina e rebordo de fita de seda. Bocage (1862) e Montillot (1890) aconselham o uso deste utensílio para a colheita de himenópteros com ferrão (abelhas, vespas, etc.). Sequeira (1888) propõe-no para a recolha de ortópteros (gafanhotos, grilos, etc.), porque "Alguns, mal se vem captivos mordem furiosamente...". Fairmaire & Berce (ante 1881) e Granger (1905) consideram-no apropriado para a colheita de lepidópteros (borboletas) pousados em locais com pouco espaço para usar a rede habitual. O extracto do catálogo de Émile Deyrolle incluído em Fairmaire & Berce (ante 1881) lista dois modelos: um com rede metálica para himenópteros, outro com rede de tule para borboletas. Talvez por ser pouco prático, senão mesmo inútil, este instrumento deixou de ser aplicado e encontra-se actualmente no completo esquecimento.

Objecto nº 4 da Fig. 1– caixa de caça

Envelope triangular

Caixa de caça (collecting box, boite de chasse), objecto nº 4, Fig. 1 – Na foto de Carvalho Monteiro a caixa é apenas perceptível no seu lado esquerdo, com excepção da respectiva correia branca bem visível no seu peito. Era uma caixa de lata pintada, com uma correia de lona para transporte a tiracolo e fundo de cortiça onde eram espetados os insectos recolhidos no campo. Este sistema deixou de se usar por ser pouco prático espetar alfinetes nos insectos em pleno campo, sendo preferível usar envelopes triangulares de papel para acondicionamento das borboletas que, seguidamente, podem ser guardados em caixas para transporte e conservação por tempo indeterminado. A preparação das borboletas pode assim ser feita posteriormente, na data e local mais conveniente. Para isto ser possível, mesmo após a dessecação dos espécimes, aplicam-se técnicas simples de relaxamento em câmara húmida. No entanto, o sistema da caixa de “caça” sobreviveu até anos muito recentes, encontrando-se nas listas de N. Boubée & Cie (1964) e Watkins & Doncaster (196?). Fidel Fernandes Rubio (1991) ainda aconselha o uso da caixa de “caça” no seu livro sobre as borboletas Ibéricas. Curiosamente, o método moderno dos triângulos de papel encontra-se já incluído no guia de Eduardo Sequeira (1888) e em A. F. de Seabra (1907), sendo as referências mais antigas que encontrei (Fig. 8).

Objecto nº 8 da Fig. 1 – Caixa de alfinetes

Caixa de alfinetes (pinning box, boite à épingles) objecto nº 8, Fig. 1 – É usada para guardar os alfinetes entomológicos separados por espessuras. Os alfinetes mais finos para insectos pequenos, e os de maior espessura para insectos maiores. Este tipo de caixa encontra-se no mercado corrente de fornecedores de equipamento entomológico sem qualquer modificação.

Objecto nº 6 da Fig. 1 – Diversos tipos de estendedores de asas

Estendedor de asas (setting board, étaloir) objecto nº 6, Fig. 1 – Na foto de Carvalho Monteiro vêem-se pelo menos quatro estendedores de asas de borboletas, de larguras diferentes, dois na

vertical, ao lado da caixa de borboletas, um na horizontal, em frente a esta, e outro no lado oposto da cadeira, do qual só se vê uma ponta (Fig. 2 objecto nº 4). Servem para colocar as asas das borboletas na posição adequada para a sua secagem, com o auxílio de tiras de papel vegetal e alfinetes. A largura do estendedor deverá ser adequada à envergadura das asas das borboletas a preparar. O método usado, bem como os utensílios apropriados eram, então como agora, idênticos.

Rede de borboletas (butterfly net, filet à papillons) objecto nº 5, Fig. 1 – As redes de borboletas de Carvalho Monteiro são já do modelo que ainda hoje se utiliza e que constituem a imagem universal que caracteriza o coleccionador de borboletas. Distinguem-se três modelos na fotografia: uma rede de "varrer" ou "ceifar" (sweeping net, filet fauchoir) encostada na parede, com saco de linho ou algodão, destinada à recolha de insectos na vegetação baixa, por onde se passa a rede com movimentos de "varrer" ou "ceifar"; uma rede de borboletas na mão direita, com cabo de bambu e saco de gaze de seda; uma rede para borboletas pequenas ou outros pequenos insectos. Em frente da rede de varrer distingue-se ainda um objecto de pano branco que poderá ser um saco para guardar o aro e a rede.

Objecto nº 9 da Fig. 1 – Caixa de borboletas

Caixa de borboletas (entomological box, carton à insectes), objecto nº 9, Fig. 1 – É a tradicional caixa com tampa de vidro e fundo de cortiça. Por motivo de a foto se apresentar desfocada neste pormenor, para além de não ter cor, não é possível identificar com clareza as borboletas exibidas. No entanto, pelo menos duas parecem pertencer à fauna europeia – a do centro, na fila superior, poderá ser a *Iphiclides podalirius* Lin. ou mesmo a *Iphiclides feisthamelii* Dup. da fauna ibérica. A segunda a contar da esquerda, na fila inferior, tem semelhanças com a *Hypparchia alcyone* Denis & Schiff. também existente na península ibérica.

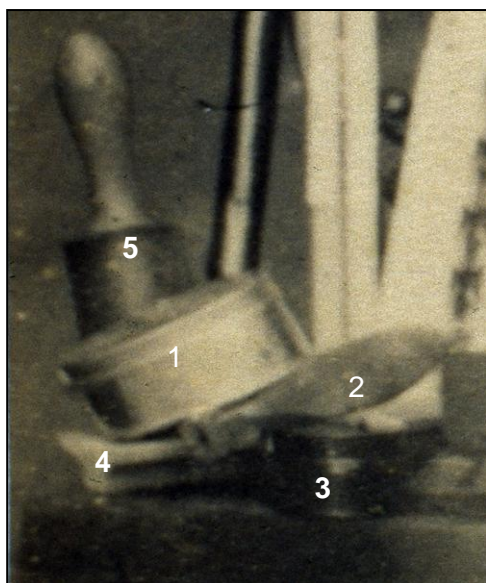
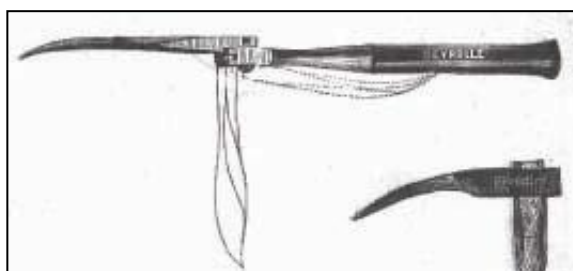



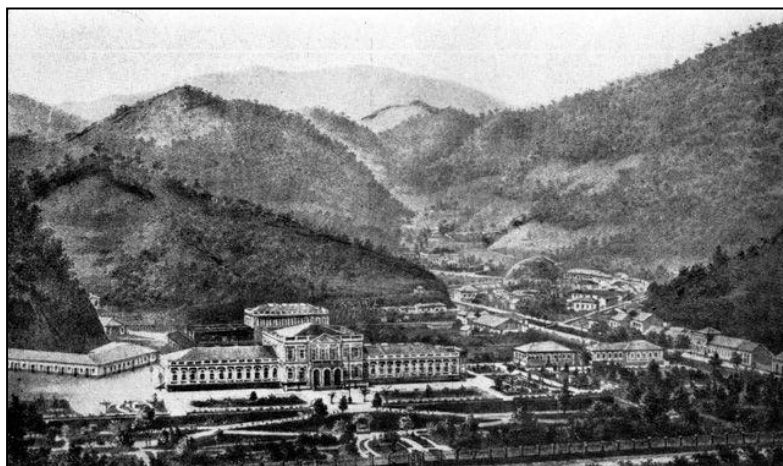
Fig. 2 – Objectos no lado direito da cadeira:
1 – Caixa de lagartas. 2 – Enxada de mão. 3 – Frasco.
4 – Estendedor de asas. 5 - Maço

Objecto nº 1da Fig. 2 – Caixa de lagartas

Objecto nº 2 da Fig. 2 – "Écorçoir pliant Deyrolle"

Objectos sobre o lado direito da cadeira [Fig. 2] – Neste canto da cadeira encontra-se um amontoado de objectos, para além do “maço” já referido atrás e identificado aqui com o nº 5, colocada à frente deste, uma caixa de lata para transporte/criação de lagartas “Boite à chenilles” (Fig. 2, nº 1), provida de uma abertura menor na tampa para inspecção do conteúdo, a qual é apenas perceptível na foto. O objecto nº 2 pela sua forma alongada e pontiaguda poderá tratar-se de um “Écorçoir pliant ou non pliant Deyrolle”, tipo de enxada de mão, usada para a pesquisa de insectos no solo ou sob a casca das árvores. O objecto nº 3, pouco visível, é provavelmente um frasco de caça de vidro contendo algum produto adequado para matar os insectos destinados à colecção, provavelmente clorofórmio. O objecto nº 4 é um estendedor de asas já referido anteriormente.

Petrópolis - paraíso da biodiversidade

Casou-se em 1873 com Perpétua Augusta Pereira de Melo e, logo após, movido por uma grande paixão pela entomologia e pelas ciências da natureza em geral, regressou ao Brasil, onde residiu em Petrópolis e no Rio de Janeiro até 1876 (Cruz Alves, com. pess.).

Petrópolis era, na época, a recém-fundada cidade imperial, situada num vale fresco de montanha, onde a família imperial brasileira passava a maior parte do tempo, e onde as famílias abastadas tinham as suas vivendas de verão. Rodeada de montes e de florestas tropicais era um autêntico paraíso de biodiversidade para os amadores das ciências da natureza [Fig. 3].

Fig, 3 – Petrópolis. Palácio Imperial, seus jardins e dependências. Gravura sem data.

Tivemos oportunidade de ter um vislumbre da vida em Petrópolis nesse tempo, através de um meticuloso diário de Luís António Alves de Carvalho Júnior (Cruz Alves, *com. pess.*), primo direito de Carvalho Monteiro e, ele também um apaixonado pelas ciências naturais. O diário em causa, propriedade da Library of Congress (LOC), Washington DC, descreve-nos as despesas efectuadas em cada dia, as doenças dele próprio e da família, os almoços no Hotel Bragança com o Carvalho Monteiro, os jogos de Criquet da família imperial, etc. Pudemos contudo verificar que o tema mais desenvolvido é o respeitante às actividades de colecção não só de borboletas e de lagartas para criação, mas também de outros insectos em geral, de tarântulas gigantes, de orquídeas, que cultivavam, e de colibris (beija-flores). Tudo isto podia ser recolhido à porta de casa, no jardim, no Passeio Público e, ocasionalmente, nas chácaras de amigos. São ainda muito interessantes as referências a uma encomenda efectuada à firma Deyrolle em Paris, de peles de 23 espécies de colibris para conhecerem o nome das espécies que viam, e ao livro de Maurice Sand “Le Monde des Papillons: promenade à travers champs” seguido da “Histoire naturelle des lepidopteres d'Europe” de Alphonse Depuiset, publicado por James Rothschild de Paris. Deste diário apresentamos a seguir um pequeno excerto, respeitando a ortografia original:

“Petropolis, Quarta feira 6 de Janeiro de 1875 (Dia de Reis)

Accordei-me ás 7 horas, tendo-me deitado ás 3 da manhã. Vesti-me, e fui visitar o Antonico [Carvalho Monteiro] *no Hotel Bragança. Almocei com elle e com o Doer que lá se achava. Levámos até depois do meio dia a ver as collecções do Antonico, e depois fomos todos, menos o Doer para a*

minha casa. Deixamos ahi a mulher do Antonico com o filhinho e sahimos á procura de lagartas no Passeio Publico. Achámos duas magnificas especies. Em seguida dirigimos nossos passos para a rua de (espaço em branco) á procura de um senhor (espaço em branco) que vende Orchidaceae [orquídeas]. *O Antonico comprou por 16$000 reis de Plantas. Valem o triplo. Escolhi para mim seis pes da palmeira Glaziouvia que pagámos o tostão cada um!!! e duas Orchidaceas. Pelo caminho apanhei alguns insectos. Entre eles uma Blata* [barata], *4 Cicindelas* [escaravelhos], *e dous Dipteros* [moscas]. *Todos novos na minha collecção. A Cicindela corria nas arêas da estrada onde não era rara. Ao todo quatro especies novas."*

Uma pintura [Fig. 4] seguramente feita em Petrópolis nesta época, representa um belo exemplar de ilustração científica da autoria de Joanna Thereza de Carvalho, prima direita de Carvalho Monteiro e irmã de Luís António Alves de Carvalho Júnior, assinada pela própria com data de 22 de Outubro de 1874 [Fig. 5]. Encontra-se na Library of Congress (LOC), Washington DC (ver cota em Iconografia), doravante designada pelo acrónimo DCL nas referências bibliográficas (Cruz Alves, com. pess.).

Fig. 4 – Orquídea. Ilustração de Joanna T. de Carvalho. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

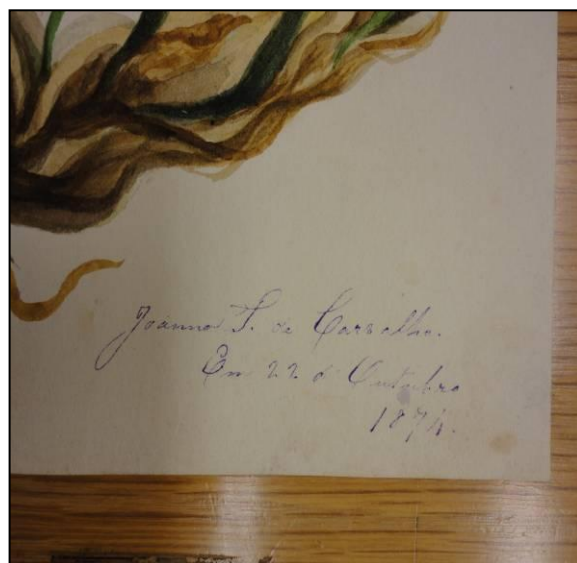



Fig. 5 – Pormenor da assinatura de Joanna T. de Carvalho. LOC, Washington DC Foto Fundação Cultursintra

Foi a partir de 1877-78, já radicado em Lisboa e com apenas 30 anos, que investe seriamente na sua carreira científica, a ponto de ser aceite como membro das principais sociedades entomológicas da Europa e da América, nomeadamente de Espanha, França, Bélgica (ver Anexo IV), Inglaterra, Alemanha, Rússia e Estados Unidos. Em Portugal foi membro da Sociedade de Geografia de Lisboa, Sociedade Broteriana de Coimbra, Société Portugaise des Sciences Naturelles, Sociedade de Instrução do Porto e Academia Real das Ciências de Lisboa. Pertenceu também aos corpos gerentes do Jardim Zoológico de Lisboa.

Para além das publicações periódicas destas instituições científicas, a sua biblioteca lepidopterológica era considerada em 1882 por Paulino de Oliveira (n.1837-f.1899), lente da cadeira de zoologia na Universidade de Coimbra, a mais rica de Portugal, e a única a que se podia recorrer para consulta. Embora não se conheça ainda um catálogo desta biblioteca, alguns destes livros, de ciências naturais, entomologia e botânica, bem como iconografia relevante, encontram-se também na Library of Congress (Cruz Alves, com. pess.):

Livros de Botânica:

- Jacobi Dickson, *Fasciculus plantarum cryptogamicarum Britanniae: Lusitanorum botanicorum in usum, celsissimi ac potentissimi Lusitaniae principis regentis domini nostri, et jussu, et auspiciis denuo typis mandatus / curante Fr. Josepho Mariano Veloso*. Ulysipone Typographiae Domus Chalcographiae, ac Litterariae ad Arcum Caeci. MDCCC. [DCL: QK513 .D52 180] [Fig. 6].
- Dominici Vandelli, Academiae Regalis Scientiarum Olisiponensis socii, et c., *Viridarium Grisley Lusitanicum : Linnaeanis nominibus illustratum* / jussu academiae in lucem editum. Olisipone Ex Typographia Regalis Academiae Scientiarum Olisiponensis. MDCCLXXXiX. [DCL: QK330 .V35 1789] [Fig. 7].
- Caroli Linnaei, *Species Orchidum et affinium plantarum*. *Acta Societatis Regiae Scientiarum*. [1744]. [DCL: QK495.O64 L83 1744] [Fig. 8].
- Felix Avelar Brotero, *Compendio de Botânica*. *Paris*, 1788. [DCL: QK45 .A8 1788] [Fig. 9].
- Pierre Bulliard, *Histoire de Plantes Vénéneuses et Suspectes de la France*. Paris, 1798. [DCL: QK100 .F8 B8 1798] [Fig. 10].

JACOBI DICKSON
FASCICULUS
PLANTARUM
CRYPTOGAMICARUM
BRITANNIAE
LUSITANORUM BOTANICORUM
IN USUM,
CELSISSIMI AC POTENTISSIMI
LUSITANIÆ
PRINCIPIS REGENTIS
DOMINI NOSTRI,
ET JUSSU, ET AUSPICIIS
DENUO TYPIS MANDATUS,
CURANTE
FR. JOSEPHO MARIANO VELOSO.

ULYSIPONE,
TYPOGRAPHIA DOMUS CHALCOGRAPHICÆ, AC LITTERARIÆ AD ARCUM CAECI.
M. DCCC.

Fig. 6 – Jacob Dickson, Plantarum Cryptogamicarum
LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

DOMINICI VANDELLI
ACADEMIAE REGALIS
SCIENTIARUM
OLISIPONENSIS SOCII ETC.
VIRIDARIUM
GRISLEY LUSITANICUM,
LINNAEANIS,
NOMINIBUS ILLUSTRATUM
JUSSU ACADEMIAE IN LUCEM EDITUM.

OLISIPONE
Ex Typographia Regalis Academiæ Scientiarum Olisiponensis.
M. DCC. LXXXIX.
Permissu Regiae Curiae Commissionis Generalis pro Examine, et Censura Librorum.

Fig. 7 – Dominico Vandelli, Viridarium … LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

ACTA
SOCIETATIS
REGIÆ
SCIENTIARUM.

CAROLI LINNÆI
Med. & Botanic. in Acad. Upsaliensi Professoris
SPECIES ORCHIDUM
Et
Affinium plantarum.

I.

Rationem præsentis Observationis L. B. hanc fusimus. Postquam Generum characteres quondam

Fig. 8 – Caroli Linnaei, Species Orchidum …
LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

COMPENDIO
DE
BOTANICA,
OU
NOÇOENS ELEMENTARES DESTA SCIENCIA,
segundo os melhores Escritores modernos,
expostas na lingua Portugueza
POR FELIX AVELLAR BROTERO.
TOMO PRIMEIRO.

PARIS.
Vende-se em Lisboa, em caza de PAULO MARTIN,
Mercador de Livros.
M,DCC,LXXXVIII.
MONIZ

Fig. 9 – Brotero, Compendio de Botanica …
LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

On trouve, chez le même Libraire,

L'Herbier de la France, par Bulliard, contenant l'Histoire des Plantes vénéneuses, des Plantes médicinales, des Plantes grasses, et des Champignons de la France, avec un Dictionnaire de Botanique, 13 vol. pet. in-fol. ornés de 610 planches, représentant au naturel toutes les différentes parties des Plantes. Prix, cartonné, ou divisé en cahiers, 900 l.

Chaque cahier de cet ouvrage se vend séparément. . . 6 l.

On peut aussi se procurer séparément les articles qui suivent.

Histoire des Plantes vénéneuses et suspectes de la France, 2 vol. ornés de 85 planches coloriées. . . . . . 120 l.

Dictionnaire Élémentaire de Botanique, ou Exposition par ordre alphabétique des préceptes de la Botanique, et de tous les termes, tant français que latins, consacrés à l'étude de cette science, 1 vol. in-fol. orné de 10 planches représentant un nombre prodigieux de figures. . . . . . 21 l.

Les figures dont cet ouvrage est enrichi sont coloriées de la même manière que celles de l'Herbier et des Champignons.

On prévient ceux qui ont acquis ce magnifique ouvrage, que la Souscription va être rouverte, et qu'on publiera en même temps le 151e. cahier.

Bulliard, Pierre

HISTOIRE
DES
PLANTES VÉNÉNEUSES
ET SUSPECTES
DE LA FRANCE,

Ouvrage dans lequel on fait connoître toutes les Plantes dont l'usage peut devenir la source de quelques accidens plus ou moins graves ; où on indique les signes qui caractérisent les diverses sortes d'empoisonnement, et les moyens les plus prompts et les plus efficaces pour remédier aux accidens causés par les poisons végétaux, tant à l'intérieur qu'à l'extérieur.

Par M. Bulliard.

Quippe videre licet pinguescere saepe cicuta
Barbigeras pecudes, homini quae est acre venenum. Lucret. lib. v.

SECONDE ÉDITION.

A PARIS,
Chez A. J. DUGOUR, Libraire,
Rue et Hôtel Serpente.

An VI de la République française, — (1798).

Fig. 10 – Pierre Bulliard, Histoire des Plantes Vénéneuses …
LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Livros de Ciências Naturais :

- Willem Piso, *Historia naturalis Brasiliae* : auspicio et beneficio illustriss. I. Mauriti Com. Nassau illius provinciae et maris summi praefecti adornata : in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur. Lugdun. Batavorum : Apud Franciscum Hackium, et Amstelodami, apud Lud. Elzevirium, 1648. [DCL : QH117.P67 Pre-1801 Coll fol.] [Fig. 11]

Fig. 11 - Willem Piso, Historia naturalis Brasiliae.
LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Livros de Entomologia :

- Achile Percheron, *Histoire Naturelle des Papillons*. Paris, Impr. centrale de N. Chaix et ce, 1850. [DCL : QL542 .P47] [Fig. 12].
- *Catalogue des lepidopteres qui composent la collection de feu mr. Franck*. Strassburg, Zu finden bey dessen frau wittwe. [Impr. de mme ve Silbermann, 1826]. [DCL: QL545 .F77] [Fig. 13].
- Arminius Baltzer, *De Anatomia Sphingidarum*. Bonnae, formis Carthausianis [1864]. [DCL: QL561.S7 B2] [Fig. 14].
- Caroli de Geer, *Genera et Species Insectorum*. Lipsiae: Apud Siegfried Lebrecht Crusium, 1783. [DCL: QL468 .D4 1783] [Figs. 15, 16, 17].

De entre estes, o livro de De Geer – *Genera et Species Insectorum* – de 1783 é particularmente interessante por estar profusamente anotado por Carvalho Monteiro, com correcções aos nomes das espécies de borboletas publicados quase cem anos antes e com as respectivas referências bibliográficas [Figs. 16 e 17], demonstrando ser um cientista meticuloso e não só um coleccionador.

HISTOIRE NATURELLE
DES
PAPILLONS

PARIS
1850.

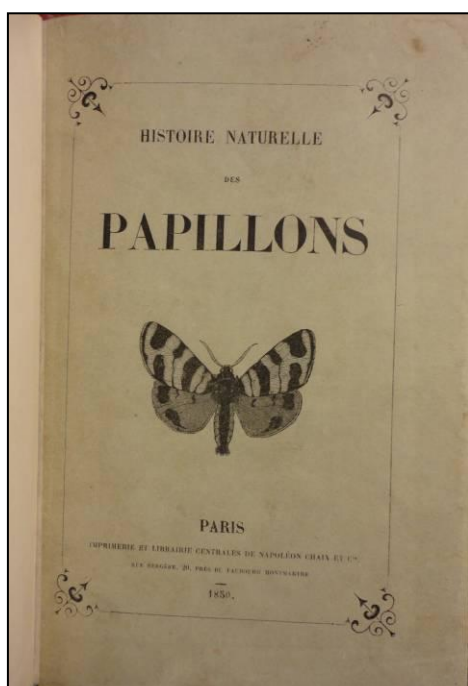



Fig. 12- Achile Percheron, Histoire Naturelle des Papillons. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

CATALOGUE
DES
LÉPIDOPTÈRES
QUI COMPOSENT LA COLLECTION
DE FEU Mr FRANCK.

Cette Collection est en vente chez Mme Ve Franck, maison de M. S. F. Klose, quai St-Thomas no 10, à Strasbourg.

VERZEICHNISS
DER SAMMLUNG VON
Schmetterlingen
DES VOR KURZEM VERSTORBENEN
HERRN J. R. FRANCK,
WELCHE ZUM KAUF ANGEBOTEN WIRD.

STRASSBURG,
zu finden bey dessen Frau Wittwe, unter der Adresse S. F. Klose, Thomas-Staden no 10.

Fig. 13 - Catalogue des lepidopteres qui composent la collection de feu mr. Franck.LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

DE
ANATOMIA SPHINGIDARUM

DISSERTATIO ZOOLOGICA
QUAM
AD SUMMOS
IN PHILOSOPHIA HONORES
AUCTORITATE AMPLISSIMI PHILOSOPHORUM
IN ALMA LITERARUM UNIVERSITATE
ORDINIS FRIDERICIA GUILELMIA RHENANA
RITE OBTINENDOS
SCRIPSIT
ET UNA CUM THESIBUS ADIECTIS
DIE XVII. MENSIS MARTII ANNI MDCCCLXIV.
PUBLICE DEFENDET
R. ARMINIUS BALTZER
ZWOCHOVIENSIS.

ADDITAE SUNT FIGURAE XXX.

ADVERSARIORUM PARTES SUSCIPIENT:
GUST. FVELLES, CAND. PHIL.
IUL. BERENDES, CAND. PHARM.
HERM. FINZELBERG, STUD. PHARM.

BONNAE
FORMIS CARTHAUSIANIS.

Fig. 14 – Arminius Baltzer, De Anatomia Sphingidarum. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

CAROLI LIB. BAR. DE GEER
REGIAE AVLAE MARESCH. E. ORD. WASIACI COMMEND. CRVCIG. E. ORD. DE STELLA BOR. EQVIT. AVRAT. R. ACAD. SCIENT. SVEC. MEMBR. ET PARISINAE CORRESPOND.

GENERA
ET
SPECIES
INSECTORVM
E
GENEROSISSIMI AVCTORIS
SCRIPTIS
EXTRAXIT, DIGESSIT, LATINE QVOAD PARTEM REDDIDIT, ET TERMINOLOGIAM INSECTORVM LINNEANAM ADDIDIT
ANDERS IAHAN RETZIVS
PHIL. MAG. PROF. REG. ET BOTAN. DEMONSTR. SOCIET. PHYSIOGR. LVND. SECRET. SOC. REG. PATR. SVEC. ET HASSO-HOMB. MED. HAFN. NAT. CVRIOS. BEROL. ET SCIENT. AC ELEG. LITT. GOTH. MEMBR. SOC. OECON. LIPS. CORRESPOND.

LIPSIAE,
APVD SIEGFRIED LEBRECHT CRVSIVM,
MDCCLXXXIII.
1783.

Fig. 15 – Carl De Geer, Genera et Species Insectorum. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

36

loque instructis. T. 2. p. 290. T. 1. p. 270. t. 19. f. 1 — 12.

Ph. pavonia. L. S. N. p. 810.

40. *Ph. paradoxa*, elinguis, antennis pectinatis, alis planis ferrugineis macula alba; *foemina* cinerea aptera. T. 2. p. 292. T. 1. p. 253. t. 17. f. 1 — 18.

Ph. antiqua. L. S. N. p. 325.

41. *Ph. dispar*, elinguis, antennis pectinatis, alis extensis albis nigro-maculatis, *foeminae*: fuscis lineis undatis nigris *maris*; pedibus antennisque nigris *foeminae*. T. 2. p. 293.

Ph. dispar. L. S. N. p. 821.

Fam. I. *Sect.* 2.

42. *Ph. Folium siccum*, elinguis, antennis pectinatis, alis reversis dentatis fusco-rufis cinereo-nebulosis albo-marginatis, striis transversis undulatis nigrescentibus. T. 2. p. 298. T. 1. p. 229. t. 14. f. 1 — 9.

Ph. ilicifolia. L. S. N. p. 813.

43. *Ph. tesseraria pratensis*, elinguis, antennis pectinatis, alis reversis: *foeminae* fuscis fasciis 2. obliquis flavis, *maris* exalbido-flavis fasciis fuscis. T. 2. p. 299. T. 1. p. 216. t. 13. f. 1 — 6.

Ph. castrensis. L. S. N. p. 818.

44. *Ph. bicaudata*, elinguis, antennis pectinatis, alis subreversis cinereis, fascia superiorum latiore obscura. T. 2. p. 300. T. 1. p. 193. t. 11. f. 18 — 21.

Ph. Crataegi. L. S. N. p. 823.

Fam. I. *Sect.* 3.

45. *Ph. erinacea*, elinguis, antennis pectinatis, alis deflexis: superioribus fuscis rivulis albis, inferi-

37

inferioribus rubris maculis nigris. T. 2. p. 301. T. 1. p. 198. t. 12. f. 1 — 9.

Ph. Caja. L. S. N. p. 819.

46. *Ph. apparens*, elinguis, antennis pectinatis nigris, alis deflexis albis, pedibus nigro-annulatis. T. 2. p. 302. T. 1. p. 191. t. 11. f. 13 — 17.

Ph. Salicis. L. S. N. p. 822.

47. *Ph. Lepus*, elinguis, antennis pectinatis nigris, alis deflexis albis vel flavescentibus nigro-punctatis, abdomine flavo serie quintuplici punctorum nigrorum. T. 2. p. 304. T. 1. p. 178. t. 11. f. 1 — 11.

Ph. lubricipeda. L. S. N. p. 829.

48. *Ph. Ramus siccus*, elinguis, antennis pectinatis subhorizontalibus erosis flavis, strigis 2. fuscis, thorace citrino. T. 2. p. 305. T. 1. p. 349. t. 10. f. 9 — 14.

Ph. Alniaria. L. S. N. p. 860.

49. *Ph. hirtipennis*, elinguis, antennis pectinatis, alis subhorizontalibus canis villosis, punctis strigarum nigris. T. 2. p. 306. T. 1. p. 354. t. 22. f. 6 — 9.

Ph. hirtaria. L. Faun. Suec. 1236.

50. *Ph. tubifex*, elinguis, antennis pectinatis, alis fusco-nigricantibus, *foeminae* nullis. T. 1. p. 506. t. 29. f. 19 — 22. t. 30. f. 22. 23. T. 2. p. 307. t. 3. f. 13. 14.

Fam. I. *Sect.* 4.

51. *Ph. Ziczac trituberculata*, elinguis, antennis pectinatis, thorace cristato, alis pallido fuscis cano-nebulosis: superioribus macula magna ovali nebulosa linea fusca obscuriore circumscripta. T. 2. p. 309. T. 1. p. 116. t. 6. f. 1 — 10.

C 3 Ph.

Fig. 16 – Carl De Geer, Genera et Species Insectorum. Anotações de Carvalho Monteiro LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

38

Ph. Ziczac. L. S. N. p. 827.

52. *Ph. Ziczac quinquetuberculata*, elinguis, antennis pectinatis, thorace subcristato, alis fusco-nigricantibus: superioribus transverse ferrugineo-undulatis maculaque sulphurea ad basin. T. 2. p. 309. t. 4. f. 13 — 17.

53. *Ph. diura major*, elinguis, antennis pectinatis, thorace cristato nigro-punctato, alis hirsutis cinereis nigro-punctatis nebulosisque. T. 1. p. 318. t. 23. f. 6 — 12. T. 2. p. 312.

Ph. Vinula. L. S. N. p. 815.

54. *Ph. diura minor*, elinguis, antennis pectinatis, thorace cristato nigro lineis flavis, alis canis lineis transversis undulatis nigris margine aurantio, nigro-punctatis. T. 2. p. 313. t. 4. f. 18 — 21.

55. *Ph. Lunula*, elinguis, antennis pectinatis, thorace cristato flavo lineis rufis, alis superioribus albo-cinereis macula anguli exterioris flava. T. 1. p. 221. t. 13. f. 7 — 21. T. 2. p. 317.

Ph. bucephala. L. S. N. p. 816.

56. *Ph. porrecta alba*, elinguis, antennis pectinatis flavis, thorace cristato, alis cinereo-albis, lineis transuersis undatis fuscis cinereisque. T. 1. p. 243. t. 16. f. 7 — 20. T. 2. p. 317.

Ph. pudibunda. L. S. N. p. 824.

57. *Ph. porrecta cana*, elinguis, antennis pectinatis, thorace cristato cano, alis superioribus strigis duabus nigris flavo-marginatis maculaque nigra albo-marginata. T. 1. p. 261. t. 15. f. 12 — 15. T. 2. p. 318.

Ph. fascelina. L. S. N. p. 825.

58. Ph.

39

58. *Ph. Coryli*, elinguis, antennis pectinatis, thorace cristato griseo fuscoque striato, alis superioribus antice fuscis, postice cinereo-albis, macula ovali alba nigro-marginata. T. 1. p. 265. t. 18. f. 1 — 7. T. 2. p. 319.

Ph. Coryli. L. S. N. p. 823.

59. *Ph. alticauda alba*, elinguis, antennis pectinatis, thorace cristato macula rhombea nigro-fusca, alis cinerascentibus lineis 4. transversis albidis maculaque ferruginea. T. 2. p. 319. t. 4. f. 22 — 26.

60. *Ph. alticauda grisea*, elinguis, antennis pectinatis, thorace cristato macula ovali nigro-fusca, alis griseo-fuscis ferrugineo-nebulosis, lineis transversis undulatis pallidis. T. 2. p. 322.

Ph. Anastomosis. L. S. N. p. 824.

61. *Ph. alticauda furcata*, elinguis, antennis pectinatis, thorace cristato macula ovali fusco-nigra, alis murinis lineis 4. transversis albidis puncto albo maculaque ferruginea. T. 2. p. 323. t. 5. f. 1. 2.

Ph. curtula. L. S. N. p. 823.

Fam. 2. *Sect.* 1.

62. *Ph. delicatula*, spirilinguis, antennis pectinatis, thorace cristato, alis deflexis erosis griseis aurantio-nebulosis lineis punctisque 2 albis. T. 2. p. 332. t. 5. f. 3 — 5.

Ph. libatrix. L. S. N. p. 831.

63. *Ph. palpina*, spirilinguis, antennis pectinatis, thorace cristato, alis deflexis dentatis griseis, palpis elongatis forma proboscidis depressae. T. 2. p. 334. T. 1. p. 60. t. 4. f. 7. 8.

Ph. palpina. L. S. N. p. 1146.

C 4 64. Ph.

Fig. 17 – Carl De Geer, Genera et Species Insectorum. Anotações de Carvalho Monteiro LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Iconografia:
[DCL: PR 06 CN 969 - 2 e 3]

– Ilustrações e páginas da obra em 3 volumes Les lépidoptères de la Belgique, leurs chenilles et leurs chrysalides décrits et figurés d'après nature par Ch.-F. Dubois et Alphonse Dubois fils. Muquardt, Merzbach et Falk (Bruxelles), 1874. [Figs. 18 a 25].

– Ilustração nº 10 de um livro de Erich Haase (1892) representando borboletas da família Papilionidae do Brasil [Fig. 26].

– Insecto adulto da família Blattidae (baratas), pormenor da cabeça e ooteca (cápsula de ovos) [Fig. 27].

– Lagarta e pupa (crisálida) de um lepidóptero da família Sphingidae [Fig. 28].

– Aves da América do Sul [Figs. 29 a 33]. Originais pintados por J. Theodore Descourtilz (n.? – f.1855). Na ilustração da Fig. 33 está inscrito o nome do autor. As aves das figuras 31 e 32 foram incluídas nas ilustrações nºs 19 e 20 do livro deste autor sobre a Ornitologia Brasileira (Descourtilz, 1852)

– Prováveis originais de Johann Baptist von Spix (n.1781-f.1826) [Figs. 34 e 35]. Ilustração nº 39, manuscrito da pág. 51 (referente à ilustração nº 39) e parte da pág. 52, do Vol. I do livro Aves do Brasil (Spix, 1824–1825).

– Ilustrações de autoria provável de Johann Baptist von Spix [Figs. 36 e 37].

- Ilustrações do livro de E. Mulsant and Éduard Verroux - Histoire Naturelle des Oiseaux-Mouche ou Colibris constituant la famille des Trochilidés, Tome Premier (1874) [Figs. 38 e 39].

– Ilustrações botânicas originais de autor/autores não identificados [Figs. 40 a 48]. As ilustrações das Figs. 40 e 48 têm recortes que indiciam terem sido colocadas num álbum.

– Composições florais [Figs. 49 e 50]. A pintura da figura 50 está assinada. Embora muito esbatida esta assinatura aparenta ser “Véronique Du Perron 1842” [Fig. 51].

Fig. 18 – Ilustração de Alphonse Dubois para o livro Les lépidoptères de la Belgique. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 19 - Ilustração de Alphonse Dubois para o livro Les lépidoptères de la Belgique. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

BEMBÉCIE HYLÉIFORME

BEMBECIA HYLÆIFORMIS, Lasp.

HONIGBIENENÄHNLICHER SCHWÄRMER.

Lasp. Ses. Eur. p. 14. — Hubn. Sphing. pl. 48, f. 108. — Ochsenh. Schm. Eur. II, p. 138. — Boisd. Ind. p. 44, nº 359. — Stett. ent. Z. 1850, p. 28. — Ann. de la Soc. ent. B. I, p. 36. — Spey. Geogr. verb. I, p. 339. — Staud. Cat. p. 43, nº 567.

Sphinx vespiformis, L. — S. apiformis, Hb. — Pennisetia anomala, Dehne. — Sesia hylæiformis, Lasp. — Bembecia hylæiformis, S.

Cette espèce est plus ou moins répandue dans toute l'Europe centrale, sauf en Hollande et en Angleterre; on la rencontre aussi en Piémont et dans la partie méridionale de la Dalmatie. Elle est très-rare en Belgique, où elle a été observée près de Bruxelles par M. Wesmael, à Rochefort par M. de Sélys, etc.

La chenille vit, suivant M. O. Wilde, dans les racines de la ronce (*Rubus idaeus*); dans le courant de juin elle monte dans les tiges pour se chrysalider. L'insecte vole à la fin de juillet et en août.

THYRIS FENESTRELLE.

THYRIS FENESTRELLA, Scop.

GLASMAKELICHER SCHWÄRMER.

Scop. Ent. Carn. p. 217. — Schiff. syst. vers. p. 44. — Esp. Schm. pl. 23, f. 1. — Hubn. sphing. pl. 3, f. 16. — Ochsenh. schm. Eur. II, p. 115. — Boisd. Ind. p. 41, n. 319. — Frey. N. Beitr. t. vii, pl. 691, f. 2, p. 160. — Ann. de la soc. ent. B. I, p. 35. — Spey. Geogr. verb. I, p. 326. — Staud. Cat. p. 43, nº 571.

Phalena fenestrella, Scop. — Sphinx fenestrina, Schiff. — S. pyralidiformis, Hub. — Sesia fenestrina, Schr. — Thyris fenestrina, Ochsenh. — T. fenestrella, Staud.

Ce petit sphingide habite toute l'Europe centrale et méridionale, la Livonie, l'Asie Mineure, l'Altaï, les provinces de l'Amour et, si l'indication de Chenu est exacte, l'Amérique du Nord. Il est rare en Belgique, où il a cependant été observé dans beaucoup de localités.

On trouve la chenille, suivant M. Freyer, depuis le milieu de juillet jusqu'en septembre, sur la clématite (*Clematis vitalba*), dont elle roule les feuilles en cornet pour s'en faire une sorte d'habitation. Dès qu'on touche cette chenille, elle exhale une odeur de punaise assez prononcée. La chrysalidation a lieu sur la terre ou contre une branche et à l'intérieur d'un léger tissu. L'insecte parfait vole pendant le jour depuis le mois de mai jusqu'en juillet, dans les bois et sur les haies pourvus de clématites.

Notre chenille est faite d'après la figure donnée par M. Freyer.

Fig. 20 - Página do livro de Ch.-F. Dubois et Alphonse Dubois. Texto referente à ilustração da Fig. 21. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 21 - Ilustração de Alphonse Dubois para o livro Les lépidoptères de la Belgique. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

MAMESTRE RÉTICULÉE

MAMESTRA RETICULATA, De Vil.

THE BORDERED GOTHIC. — SEIFENKRAUTEULE.

De Vill. Ent. linn. II p. 254. — View. Tab. Verz. II, p. 71. — Borkh. Eur. Schm. IV, p. 270. — Esp. Schm. IV, pl. 198, f. 4. — Hubn. Noct. pl. 12, f. 58. — Treits. Schm. Eur. V, I, p. 302. — Sepp. Ned. Ins. V, pl. 35. — Dup. VI, pl. 90, f. 2. — Frey. N. Beitr. pl. 231. — Led. Noct. p. 32, 90. — Ann. Soc. ent. B. I, p. 88. — Spey. Geogr. verb. II, p. 147. — Staud. Cat. p. 92, nº 1290.

Noctua reticulata, De Vil. (1789). — N. calcatrippæ, View (1790). — N. saponariæ, Bkh. (1792). — N. typica, Hb. — Hadena saponariæ, Treits. — Neuria saponariæ, Step. — Mamestra saponariæ, Led. — M. reticulata, Stg.

La Mamestre réticulée habite, entre le 60° et le 44°, toute l'Europe et la Sibérie occidentale depuis l'Angleterre jusqu'aux monts Altaï; elle est rare en Belgique.

La chenille apparait en juillet et août, mais elle se tient cachée à terre durant le jour; on la trouve sur la saponaire *(Saponaria officinalis)*, le cucubale *(Cucubalus baccifer)*, les silénés *(Silene inflata* et autres), les œillets *(Dianthus armeria, carthusianorum, prolifer)*, etc.; elle se nourrit des semences encore vertes de ces différentes plantes. Les métamorphoses ont lieu dans la terre. La noctuelle vole pendant les soirées du mois de juin.

Fig. 22 - Página do livro de Ch.-F. Dubois et Alphonse Dubois. Texto referente à ilustração da Fig. 23. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 23 - Ilustração de Alphonse Dubois para o livro Les lépidoptères de la Belgique.. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 24 - Ilustração de Alphonse Dubois para o livro Les lépidoptères de la Belgique. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 25 - Ilustração de Alphonse Dubois para o livro Les lépidoptères de la Belgique. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 26 – Borboletas do Brasil. Estampa de um livro de ErichHaase, 1892. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

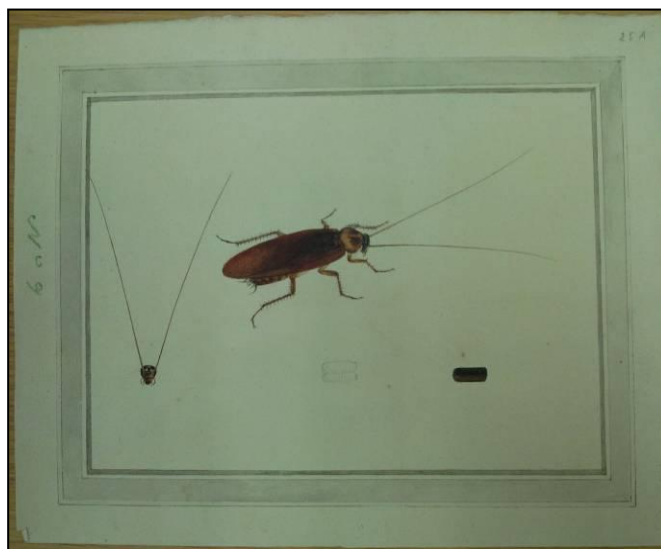



Fig. 27 – Ilustração de autor desconhecido. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 28 - Ilustração de autor desconhecido. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 29 - Ilustração de Jean Theodore Descourtilz. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 30 - Ilustração de Jean Theodore Descourtilz. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 31 - Ilustração de Jean Theodore Descourtilz. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 32 - Ilustração de Jean Theodore Descourtilz. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 33 – Ilustração de Jean Theodore Descourtilz. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 34 – Ilustração de Johann Baptist von Spix para o livro Avium Species Novae. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Genus II. Cypshos sive Tamatia.

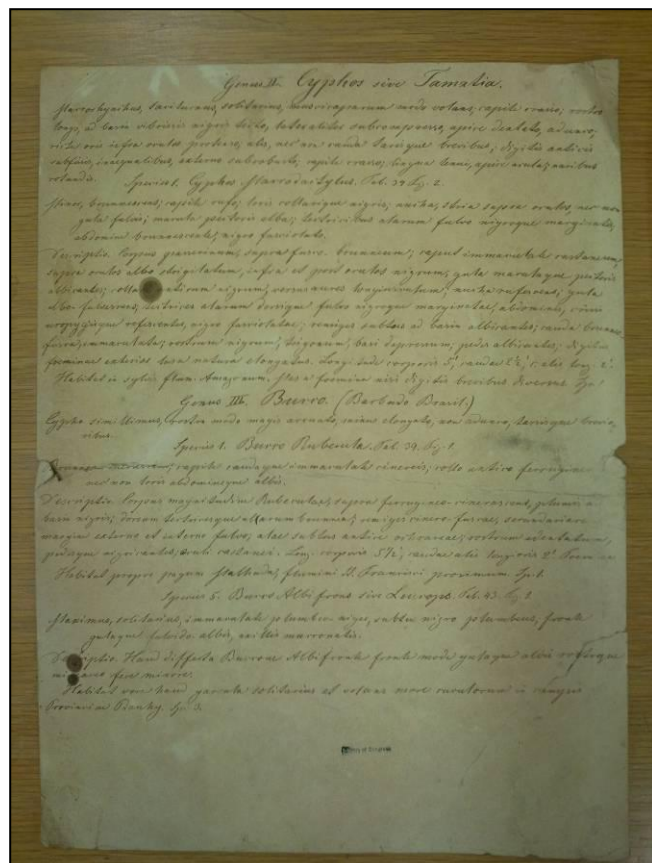



Fig. 35 – Manuscrito de Johann Baptist von Spix, autor do livro Avium Species Novae. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

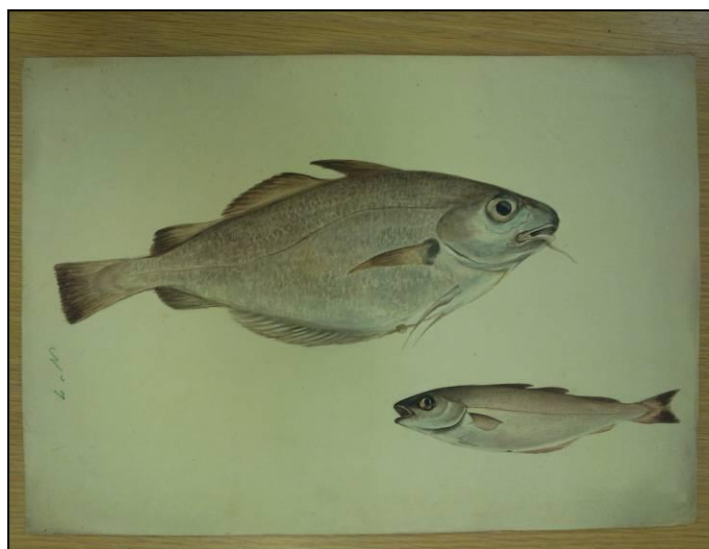



Fig. 36 - Ilustração de Johann Baptist von Spix ? LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 37 - Ilustração de Johann Baptist von Spix ? LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

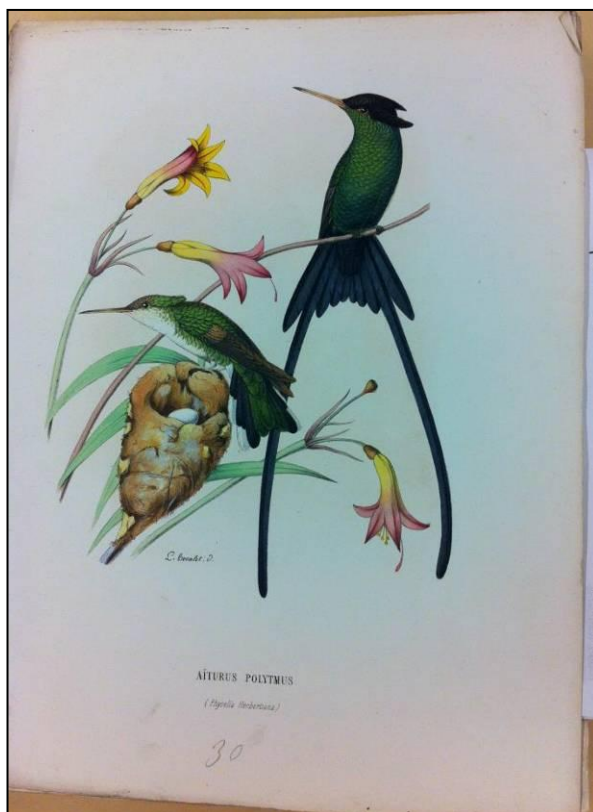



Fig. 38 – Ilustração do livro de Mulsant e Verroux Histoire Naturelle des Oiseaux-Mouche ou Colibris constituant la famille des Trochilidés. LOC, Washington DC. Foto Biblioteca do Congresso

Fig. 39 – Ilustração do livro de Mulsant e Verroux Histoire Naturelle des Oiseaux-Mouche ou Colibris constituant la famille des Trochilidés. LOC, Washington DC. Foto Biblioteca do Congresso

Fig. 40 – Ilustração de autor não identificado. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 41 - Ilustração de autor não identificado. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

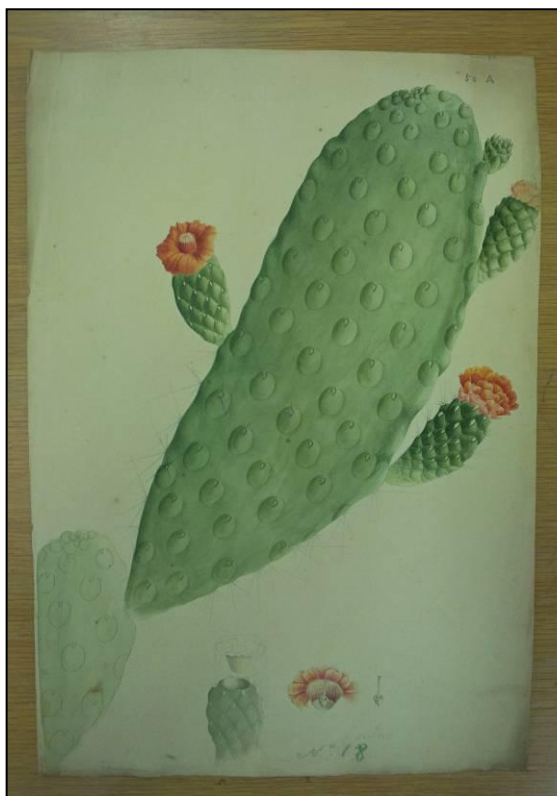



Fig. 42 - Ilustração de autor não identificado. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 43 - Ilustração de autor não identificado. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 44 – Ilustração de autor não identificado. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 45 - Ilustração de autor não identificado. LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 46 - Ilustração de autor não identificado.
LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 47 - Ilustração de autor não identificado.
LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 48 - Ilustração de autor não identificado.
LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 49 - Ilustração de autor não identificado.
LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 50 – Ilustração assinada por "Véronique Du Perron" (?). LOC, Washington DC. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 51 – Assinatura de "Véronique Du Perron" (?). Pormenor da Fig. 50. LOC, Washington DC. Foto Fundação Culturcintra.

Paulino de Oliveira, em 1879, refere-se ainda a Carvalho Monteiro nos seguintes termos: "… temos em Portugal um lepidopterologista de primeira categoria. Embora o Sr. Monteiro não tenha ainda publicado o resultado dos seus estudos, já terminou a descrição de muitas espécies notáveis com desenhos que ele próprio fez. A sua colecção contém um grande número de espécies e é particularmente notável pelas espécies inéditas do Brasil e pela preparação irrepreensível dos exemplares". Por motivos não conhecidos este estudo nunca foi publicado nem se conhece o destino dos originais.

Em 1883 Carvalho Monteiro publicou um artigo com a descrição de uma nova forma da borboleta *Satyrus actaea* da Serra da Estrela, a que chamou *f. mattozi*, em homenagem a Mattozo Santos (n.1849-f.1921), seu contemporâneo e amigo, que frequentou os cursos de Medicina e de Filosofia na mesma Universidade e, mais tarde, foi lente da cadeira de zoologia e anatomia comparada na Escola Politécnica. Mattozo Santos publicou ainda um parecer de Carvalho Monteiro sobre o lepidóptero *Coscinia cribraria* (Linnaeus, 1758) (Mattozo Santos, 1884), espécie sobre o qual demonstra aprofundado conhecimento, desde a criação no estado larvar, respectivas plantas alimentícias e a sua distribuição em Portugal. Há também a registar uma carta datada de 29 de Agosto de 1895, onde Carvalho Monteiro descreve o método usado em Portugal para a destruição em massa dos ovos e lagartas da *Lymantria dispar* (Linnaeus, 1758), que Forbush & Fernald (1896) transcrevem no seu livro sobre o combate a esta reconhecida praga florestal.

Mattozo Santos, por sua vez, publicou em 1884 a primeira listagem de borboletas de Portugal, registando 90 espécies. 95 anos antes, em 1789, Manuel Dias Baptista no seu *Ensaio de huma descripção, Fizica, e Economica, de Coimbra e seus Arredores* tinha registado 14 espécies; Em 1797, Domenico Vandelli, um italiano que criou o Jardim Botânico da Ajuda, foi lente de História Natural e Química na Universidade de Coimbra, onde fundou o Jardim Botânico, na sua obra *Florae et Faunae Lusitanicae Specimen* registou 32 espécies. No entanto, a nomenclatura usada por ambos para várias das espécies não permite uma identificação actual inequívoca. Outras espécies listadas, por erro de identificação, não existem em Portugal. Estes registos não podem assim ser considerados fidedignos para efeitos de inventariação das espécies.

Mattozo Santos refere-se a esta lacuna de registos no seguinte comentário: "…nada de especial, que eu saiba, foi publicado sobre as borboletas de Portugal. O trabalho que se propõe fazer o Sr. Dr. Carvalho Monteiro, que tem uma das colecções mais completas e que fez estudos muito pacientes sobre as lagartas, virá certamente colmatar esta lacuna; infelizmente está ainda em preparação, e o seu autor não o publicará antes de ter completado as suas pesquisas".

Não se podendo considerar como válidos os estudos publicados anteriormente, podemos então afirmar que Mattozo Santos e Carvalho Monteiro foram pioneiros no estudo e inventariação das borboletas de Portugal, vindo só a ser acompanhados nos primeiros anos do século XX pelo Jesuíta Cândido Mendes de Azevedo (n.1874-f.1943), muito activo na região do colégio de S. Fiel, na Beira Baixa.

A colecção de borboletas

Tendo presente a aura de mistério que rodeou esta colecção, pela forma como foi adquirida, pelo seu conteúdo e valor científico e, principalmente, pelo desconhecimento do seu destino final, procuramos seguidamente divulgar o que se apurou até à data.

Os exemplares da sua colecção foram adquiridos pelos seguintes métodos:

- Por capturas efectuadas pelo próprio, comprovadas por alguns exemplares existentes no Museu Zoológico da Universidade de Coimbra e no Museum Nationale d'Histoire Naturelle em Paris, nas seguintes localidades: Lisboa (Benfica), Coimbra (Santa Clara) e Petrópolis no Brasil. Os lepidópteros recolhidos por Carvalho Monteiro, que pudemos observar naqueles Museus, têm uma única e original etiqueta de forma triangular, com datas compatíveis com a sua estadia naqueles lugares [Figs. 52 e 53].

Fig. 52 – Etiquetas de espécimes coleccionados por Carvalho Monteiro em Petrópolis. MZUC Coimbra. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 53 – Pormenor de uma etiqueta. MZUC Coimbra. Foto Fundação Cultursintra

- Por compra de colecções inteiras de entomologistas estrangeiros: nos anos oitenta do século XIX estava na posse da colecção de "Lepidópteros da Europa" de Jean Étienne Berce (n.1803-f.1979) (Mattozo Santos, 1895) conhecida por ser rica em exemplares raros e de procedências

longínquas. Este especialista foi o autor da obra "Faune Entomologique Française – Lepidopteres" em seis volumes ilustrados, foi presidente da Sociedade Entomológica de França em 1867 e publicou inúmeros artigos na revista desta sociedade.

Segundo Raul Proença (1920) "…tinha comissários em vários pontos do país e do estrangeiro para lhe adquirirem as mais belas e raras borboletas, e adquiriu colecções preciosas como a de Bruce (sic) [Berce?]".

Ainda nos anos oitenta do século XIX adquiriu uma "Colecção Paleárctica" a Charles Donckier de Donceel (Horn & Kahle, 1935) que, como se verá mais adiante, é com grande probabilidade a colecção de Jean Étienne Berce, referida acima.

Já em princípios do século XX adquiriu a colecção de lepidópteros de Adolphe Boucard (n.1839-f.1905) (Horn & Kahle, 1935). Este explorador naturalista era essencialmente um ornitólogo especialista em colibris, tendo efectuado capturas destas aves para a maioria dos Museus de História Natural do mundo, incluindo o Museu Bocage. Viajou pelas Américas do Norte, Central e do Sul, regiões onde também fez colecção de lepidópteros (Kofoid, 1923).

- Por compra directa de lepidópteros a negociantes do ramo: Émile Deyrolle (n.1838-f.1917), Charles Donckier de Donceel (n.1802-f.1888), Henri Donckier de Donceel (n.1854-f.1926) (filho do anterior), Hans Fruhstorfer (n.1866-f.1922), Otto Staudinger e Bang-Haas (n.1846-f.1925) mantinham uma vasta rede de coleccionadores espalhados pelas regiões tropicais que lhes enviavam insectos de todas as ordens para serem comercializados. Carvalho Monteiro mantinha contactos com todos eles, mas principalmente com O. Staudinger e Émile Deyrolle.

- Por troca de espécimes com outros coleccionadores: em 1885 anunciava estar interessado em Lepidópteros e pretender trocar espécimes da Europa, Brasil e colónias portuguesas em África por exemplares de Madagáscar, Índia, China, Ceilão (Sri Lanka), Austrália, América do Norte, etc. (Cassino, 1885). A partir de 1896 manifestava interesse em Lepidópteros do Mundo e em aves da família *Trochilidae* (colibris ou beija-flores), mantendo contudo a mesma proposta de trocas de 1885 (Cassino, 1896).

A importância da colecção de Carvalho Monteiro no panorama da entomologia nacional e internacional pode ser avaliada pelas seguintes referências, aqui incluídas em atenção aos especialistas na matéria:

Durante a sua vida diversos entomologistas portugueses e estrangeiros referiram a sua colecção de forma elogiosa, quer pela qualidade da preparação dos exemplares quer pela sua dimensão. Temos referências destes comentários em Mattozo Santos, Cândido Mendes de Azevedo (n.1874-f.1943), Joaquim da Silva Tavares (n.1866-f.1932), Paulino de Oliveira, Arruda Furtado (n.1854-f.1887) e Ignacio Bolívar (n.1850-f. 1944).

Sobre o conteúdo dessa colecção temos, dos entomologistas portugueses, apenas o seguinte comentário de Mattozo Santos (1895): "Na colecção de Berce, hoje pertencente ao nosso distinto colecionador o Sr. Carvalho Monteiro, vi exemplares indubitavelmente da *C. edusa* Fab., provenientes de Paris e dos Baixos Alpes…". Dos entomologistas estrangeiros temos testemunhos de F. Seebold que em1898 consultou a colecção Carvalho Monteiro em Lisboa, tendo observado um exemplar de *Epinephele tithonus f. minki* Seebold, 1891, e de Otto Staudinger e Bang-Haas, que em viagem por Espanha em 1884, fizeram um desvio até Lisboa para consultarem esta colecção. Como resultado, receberam uma oferta de exemplares de uma nova espécie do género *Charaxes* endémica de S. Tomé, mais tarde descrita com o nome de *Charaxes odysseus* Staudinger, 1892 [Fig. 55].

Otto Staudinger descreveria ainda mais duas espécies novas, endémicas da ilha de S. Tomé, a *Charaxes monteiroi* Staudinger & Schatz, 1886 [Fig. 56] e a *C. thomasius* Staudinger & Schatz, 1886 [Fig. 57] que lhe foram enviadas por Carvalho Monteiro para determinação.

Mais recentemente, Pierre Rebillard descreveu uma nova espécie para a ciência, a borboleta *Symmachia nemesis* Rebillard, 1958, da família Riodinidae, baseado num exemplar de Santa Catarina, Brasil, ex Col. Carvalho Monteiro, depositado no Museum Nationale d'Histoire Naturelle de Paris, colecção Fournier, da qual falaremos mais adiante e de onde se encontra desaparecido.

Kurt Johnson (1991) e Zsolt Bálint (2004, 2005 e 2011) que fizeram revisões de certos géneros pouco estudados de borboletas da família Lycaenidae da América do Sul, examinaram também os espécimes da colecção Fournier, atrás referida. Kurt Johnson cita exemplares de oito espécies estudadas por Percy I. Lathy em 1930, todos ex Col. Monteiro [ver Anexo I], entre os quais uma nova espécie para a ciência *Trichonis immaculata* Lathy, 1930, sem data nem localidade [Fig. 54]. Zsolt Bálint cita nos seus artigos pelo menos mais quatro exemplares ex Col. Monteiro encontrados na citada colecção Fournier. Outros serão certamente encontrados nos inúmeros trabalhos publicados por estes entomologistas, os quais o autor não teve possibilidade de consultar até à data.

Fig. 54 – *Trichonis immaculata* Lathy, 1930.
Foto MNHN Paris

Fig. 55 – Charaxes odysseus Staudinger, 1892.
Foto do autor

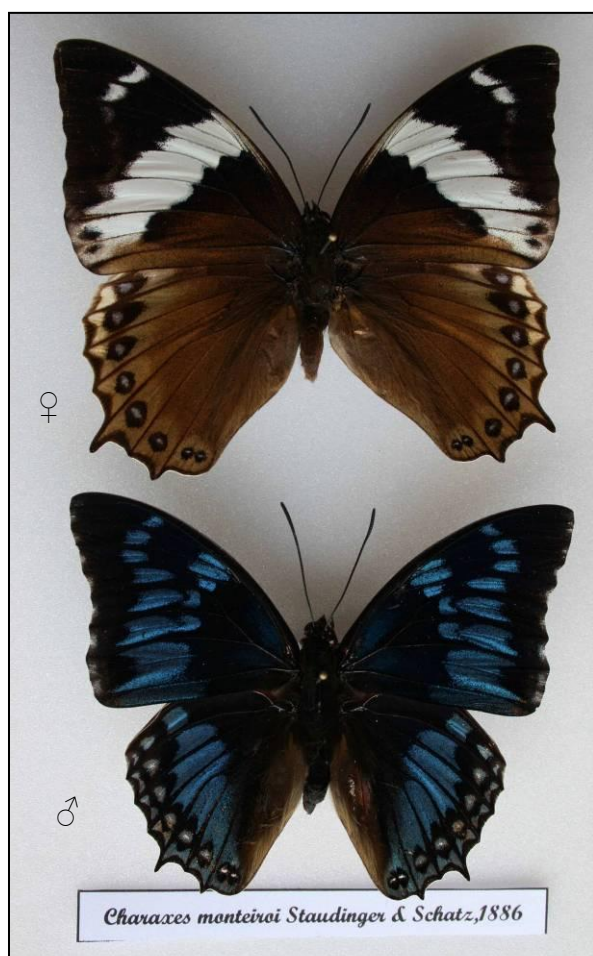



Fig. 56 – Charaxes monteiroi Staudinger & Schatz, 1886.
Foto do autor

Fig. 57 – Charaxes thomasius Staudinger & Schatz, 1886.
Foto do autor

Destino da colecção de Carvalho Monteiro

Em 1926 os herdeiros de Carvalho Monteiro decidiram pôr à venda a colecção de lepidópteros, nessa época considerada a segunda maior do mundo ou, como considerava Raul Proença (1924) acerca do palácio Farrobo-Quintella em Lisboa "…ali se acumulavam numerosas obras de arte, uma rica colecção de relógios, outra de borboletas, que é das primeiras do mundo…". Neste sentido, o seu filho Pedro Carvalho Monteiro encarregou o Sr. Paulo Ferreira (n.1883-f.1949), distinto bibliófilo e coleccionador de borboletas (Oliveira, 1958), para providenciar a sua venda. Para o efeito, este sugeriu que se contratasse Henri Donckier de Donceel, um dos maiores negociantes de insectos da Europa (Cambefort, 2006), para fazer o inventário desta colecção com vista à sua venda em Paris. Donckier veio expressamente a Lisboa efectuar esta tarefa, tendo ficado hospedado no palácio Farrobo-Quintella, em cujo rés-do-chão se encontrava a colecção. Foram necessários dois meses de trabalho intenso, contando com o apoio de Paulo Ferreira, para cumprir esta missão (João Cruz Alves, *com. pess.*).

Daqui resultou a venda e a dispersão em Paris de grande parte da colecção de borboletas exóticas, tendo uma selecção importante desta colecção, designada por "Borboletas do Mundo", sido vendida a Aimée Fournier de Horrack (n.1876–f.1952) (Horn & Kahle, 1935), uma das maiores coleccionadoras de França, cuja colecção atraía as atenções dos especialistas da época pelos tesouros que encerrava (Johnson e Coates, 1999). A colecção Fournier de Horrack está actualmente depositada no Muséum Nationale de Histoire Naturelle (MNHM), 45 rue Buffon, Paris, em sala própria e classificada como Monumento Histórico. Pierre Rebillard em 1958 referir-se-ia a esta colecção nos seguintes termos: "Foi entre 1920 e 1935…foram integradas, naquilo que hoje constitui esta colecção, partes importantes de colecções célebres tais como: Carvalho Monteiro de Lisboa, Grose-Smith de Londres, C. S. Larsen da Suécia, A. Dicksee de Londres, H. Fruhstorfer de Berlim e Charles Oberthur de Rennes" [ver Anexo II].

Outros lepidópteros do género *Prepona* da América do Sul, foram vendidos a Eugène Le Moult (n.1882-f.1967) (Horn & Kahle, 1935), outro grande coleccionador. Após o falecimento deste, a imensa colecção Le Moult foi leiloada em 1968 no Hotel Drouot de Paris, dividida em cerca de 1100 lotes (Vane-Wright, 1974). Perdendo-se assim o destino destes exemplares de Carvalho Monteiro.

Uma colecção de lagartas conservadas pelo método da "insuflação", também de Carvalho Monteiro, foi vendida em 1928, directamente por Paulo Ferreira, ao Muséum Nationale de Histoire Naturelle em Paris (Entrées nº 2, 1921-1959, MNHN).

Quatro armários contendo gavetas com duplicados da colecção de "Borboletas do Mundo" ficaram na posse de Paulo Ferreira, tendo-lhe sido doados pelos descendentes de Carvalho Monteiro em agradecimento pela sua colaboração na inventariação do espólio. Após o falecimento deste em 1949, a sua viúva doou a colecção ao então Museu Zoológico da Universidade de Coimbra (MZUC), onde ainda se encontra, conservada nos quatro armários originais, dois dos quais com o monograma de Carvalho Monteiro [Figs. 58 e 59].

Fig. 58 – Armário da Colecção Carvalho Monteiro, MZUC Coimbra. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 59 – Pormenor do monograma do armário da Fig. 58 Foto Fundação Cultursintra

As gavetas com tampo envidraçado, provenientes da firma Émile Deyrolle de Paris, são construídas em madeira de cedro, face da frente de carvalho e puxadores de ébano.

Apresentamos fotos do conteúdo de algumas dessas gavetas [Figs. 60 a 62].

A denominada "Colecção Paleárctica" que, embora desta região faunística (que inclui a Europa, a Ásia não tropical e o norte de África) só contenha lepidópteros da Europa (Luís Mendes, com. pess.), foi vendida em hasta pública ao coleccionador Fernando Carneiro Mendes (n.1893-f.1976) (Garcia-Pereira, 2003). Esta colecção deverá ser a de "Lepidópteros da Europa" originalmente de Jean Étienne Berce. Encontra-se actualmente em bom estado de conservação, depositada no Centro de Zoologia do Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT) em Lisboa, onde mantém a designação original de "Colecção Paleárctica".

Uma colecção não identificada foi para o Museu Bocage e ainda outra de "borboletas exóticas" foi para o Colégio Infante de Sagres em Lisboa nos anos 50. A primeira terá sido destruída no incêndio de 1978 e, da segunda, desconhece-se o paradeiro actual (Garcia-Pereira, 2003).

Considerando que o maior número de borboletas exóticas ex Col. Carvalho Monteiro, tanto quanto se sabe, se encontra no Muséum Nationale de Histoire Naturelle em Paris, integradas na colecção Fournier de Horrack, a Fundação Cultursintra na pessoa do Arq. Cruz Alves e o autor deste artigo, organizaram uma visita a este museu com a finalidade de se obter um melhor conhecimento desta colecção, encontrar espécimes de Carvalho Monteiro e sensibilizar os responsáveis pela sua conservação para a importância dos mesmos.

A colecção de Aimée Fournier de Horrack está conservada em armários de madeira nobre contendo 1000 gavetas de tampo envidraçado. Contém exclusivamente exemplares dos géneros Morpho, Charaxes, Agrias, Perisama, Callicore, Callithea, Diaethria, Asterope e géneros afins, e ainda um número elevado de exemplares das famílias Lycaenidae e Riodinidae, provenientes de regiões tropicais de todo o mundo, num total de cerca de 45.000 espécimes, número avançado pela escritora Colette, visitante assídua da " Maison des merveilles" de Mme. Fournier (Colette, 1944).

Foram examinadas todas as gavetas dos géneros Morpho, Charaxes e Agrias, e algumas das restantes famílias, por não haver tempo para uma amostragem mais completa, dado estarmos em presença de uma elevada quantidade de exemplares. No todo foram feitos registos fotográficos de exemplares de 25 espécies distribuídas por 29 caixas [Figs. 63 a 65]. Foram também localizados espécimes com a característica etiqueta triangular, própria dos exemplares colectados pessoalmente por Carvalho Monteiro. Destacamos um raríssimo exemplar de *Morpho anaxibia* (Esper, 1801), ginandromorfo bilateral, isto é, as asas do lado esquerdo são de fêmea e as do lado direito de macho [Fig. 65].

Fig. 60 - Borboletas da América do Sul. Género Morpho (Nymphalidae), MZUC Coimbra, Foto Fundação Cultursintra

Fig. 61 – Borboletas da América do Sul. Géneros Brassolis, Opsiphanes e Caligo (Nymphalidae), MZUC Coimbra. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 62 – Borboletas de África. Géneros Drurya e Papilio (Papilionidae), MZUC Coimbra, Foto Fundação Cultursintra

Fig. 63 – Borboletas da América do Sul. Género Asterope (Nymphalidae), Col. Fournier, um espécime ex Col. Carvalho Monteiro na coluna da direita em baixo, MNHN Paris. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 64 – Borboletas da América do Sul. *Morpho rhetenor eusebes* Fruhstorfer, 1907, Col. Fournier, ♀ do Amazonas ex Col. Carvalho Monteiro no meio da fila inferior, MNHN Paris. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 65 – Borboleta da América do Sul. *Morpho anaxibia* (Esper, 1801), Brasil, Col. Fournier, ex Col. Carvalho Monteiro. Ginandromorfo bilateral, MNHN, Paris. Foto Fundação Cultursintra

Espécies novas para a ciência dedicadas a Carvalho Monteiro

Satyrus actaea ssp. monteiroi Mendes, 1910 (Nymphalidae, Satyrinae) [Fig. 66]. Dedicada por Candido Mendes de Azevedo nos seguintes termos: "Proponho pois que se dê o nome de *monteiroi* à variedade característica da Serra da Estrela, do nome do nosso melhor lepidopterologo portuguez, Dr. A. A. de Carvalho Monteiro que foi também quem melhor a descreveu".

Charaxes monteiroi Staudinger & Schatz, 1886 (Nymphalidae, Charaxinae) [Fig. 56]. Foi dedicada nos seguintes termos: "Esta esplêndida espécie foi enviada por generosidade do Sr. Antonio Aug. Monteiro que recebera poucos espécimes, a maior parte dos quais danificados, da Ilha de S. Tomé (África Ocidental), e em honra do qual eu a dedico".

Oedaleus carvalhoi Bolívar, 1889 (Orthoptera, Acrididae). Ignacio Bolívar dedicou este gafanhoto nos seguintes termos: "Existia já esta espécie na minha colecção procedente da mesma localidade (Lourenço Marques, hoje Maputo), tendo sido oferecida pelo Exmo. Sr. D. Antonio A. de Carvalho Monteiro a quem tenho o gosto de dedicá-la, em agradecimento das muitas espécies africanas que em diversas ocasiões me ofereceu".

Arcyptera carvalhoi Bolívar, 1890 (Orthoptera, Acrididae). Ignacio Bolivar dedicou este gafanhoto proveniente de Lourenço Marques (hoje Maputo) nos seguintes termos: "Esta espécie foi-me proporcionada pelo conhecido lepidopterólogo Sr. Carvalho Monteiro, de Lisboa, a quem tenho o gosto de dedicá-la". Actualmente em sinonímia de *Pseudoarcyptera carvalhoi* (Bolívar, 1890). Na mesma publicação foram descritas outras duas novas espécies de gafanhotos, enviadas por Carvalho Monteiro e da mesma localidade.

Conus monteiroi Barros e Cunha, 1933 (Gastropoda, Conidae). Concha exótica do Indo-Pacífico. Dedicada por Barros e Cunha no estudo que publicou sobre a colecção de conchas de Carvalho Monteiro existente no Museu Zoológico da Universidade de Coimbra. Actualmente em sinonímia de *Conus generalis* Linnaeus, 1767.

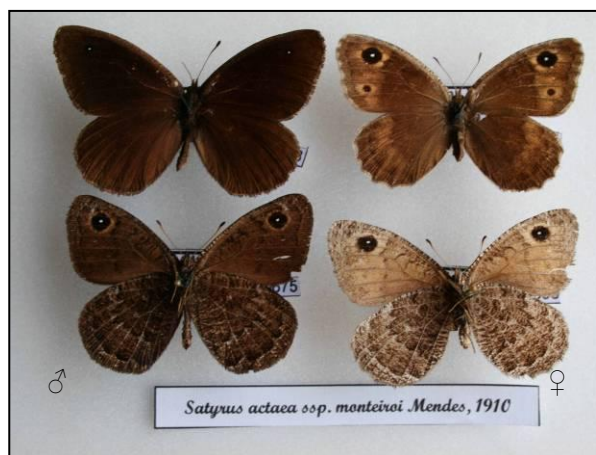



Fig. 66 – *Satyrus actaea ssp. monteiroi* Mendes, 1910.
Foto do autor

A botânica e o herbário

Carvalho Monteiro tinha também uma grande paixão pela botânica e pela jardinagem, tendo inclusive introduzido pela primeira vez a planta tropical *Gurania eriantha* em Portugal e na Europa, em 1903, cultivada por certo numa estufa do Palácio Farrobo Quintela, em Lisboa (ver Anexo III). Estava também na posse de um grande herbário constituído por exemplares colectados em Portugal por botânicos célebres como Johann Centurius Conde de Hoffmannsegg (n.1766-f.1849), Friedrich Welwitsch (n.1806-f.1872), Jules Daveau (n.1852-f.1919), Francisco Valorado (n.1765-f.1850) (Guimarães, 1887), etc. Um inventário resumido desse herbário e diversa documentação relacionada com a botânica (Cruz Alves, *com. pess.*), possivelmente

organizado pelos herdeiros de Carvalho Monteiro ou pelo próprio, dá-nos uma ideia da sua importância histórica embora não indique na totalidade a sua dimensão real e, principalmente, qual o seu destino final. De uma forma resumida no inventário consta o seguinte:

- Livros de história natural, botânica e horticultura, biografias, autógrafos, manuscritos e folhetos do abade José Correia de Serra (n.1750-f.1823) membro da Royal Society, de Avellar Brotero (n.1744-f.1828) e de José Valorado.
- Varennes, P. V. P. – *Florae Galicae Herbarium* – 2 caixas com 83 espécimes. Plantas de Volognes (Departamento da Mancha, Normandia).
- Hoffmannsegg – *Plantarum Lusitanarum Rariorum et aliquot Alpension (1801)* – Plantas portuguesas raras colectadas, classificadas e oferecidas por Hoffmannsegg ao Sr. Gaspar Beltrão Pilner no ano de 1801.
- Hoffmannsegg – *Florae Austriae ac Borealium Regionum aliquot plantarum Herbarium* – 1 caixa com 10 espécimes [Este item do inventário está por lapso atribuído a Hoffmannsegg, sendo na realidade de Welwitsch, conforme foi apurado pela investigadora Sara Albuquerque no NHM de Londres, onde a caixa em forma de livro se encontra]
- Welwitsch – *Florae Europeae ac exoticae aliquot Plantarum in Botanice Ajudae Horto atque in Privato Ducis Palmela (in Lumiar) Crescentium Herbarium*. Plantas europeias e exóticas do Jardim Botânico da Ajuda (Lisboa) no herbário do Duque de Palmela. 4 caixas com 266 espécimes.
- Welwitsch – *Florae Lusitanae Herbarium* – 14 espécimes
- Alves, F. C. - *Florae Lusitanae Herbarium* (1818) – 54 espécimes de algas. Inclui um catálogo feito por Welwitsh.
- Valorado, José F. - *Florae Lusitanae Herbarium* – 18 caixas com 1016 espécimes.
- Carvalho Monteiro, A. A. – *Flora Lusitanica Exsiccata* – 24 caixas. Número de espécimes desconhecido.

Em 1930 o British Museum (Natural History) adquiriu o herbário de Carvalho Monteiro, tendo então publicado a seguinte nota: “Consiste em cerca de 4500 exemplares e é uma adição valiosa para o Herbário Europeu por causa da ausência prévia de uma realmente boa série de plantas portuguesas. Contém muitos espécimes coleccionados por botânicos que escreveram sobre a flora portuguesa”.

Com a finalidade de se obter um melhor conhecimento deste herbário e de se sensibilizar os responsáveis pela sua conservação para a importância histórica do mesmo, a Fundação Cultursintra, na pessoa do Arq. Cruz Alves e o autor deste artigo, organizaram uma visita ao Natural History Museum (NHM) em Londres para efectuar “in loco” o registo de alguns espécimes. No total foi efectuada uma amostragem por registo fotográfico de 22 espécies do herbário “*Flora Lusitanica Exsiccata*” organizado pelo próprio Carvalho Monteiro, na maioria colectadas por Jules Daveau, Adolfo Möller e Paulino de Oliveira, 6 das quais são “tipos”, ou seja, os exemplares únicos que serviram de base para a descrição de cada uma daquelas espécies, e de 11 espécies do herbário “*Flora Lusitanica*” colectadas por Welwitsch. Destas 11espécies 8 são “tipos”, o que demonstra a importância histórica destes herbários. Destacamos ainda a recente designação de um “novo tipo” (neótipo) da planta *Pinguicula lusitanica* L., por se desconhecer o paradeiro do “tipo” original descrito por Lineu, baseado num exemplar da *Flora lusitanica exsiccata* no. 2662, Herbario A. A. de Carvalho Monteiro, BM (Blanca & Jarvis, 1999) [Fig. 67].

O Herbário do British Museum (Natural History), hoje Natural History Museum (NHM) em Londres, tem cerca de 6.000.000 de espécimes mas só 8% destes estão em base de dados on-line. Quatro registos de plantas do herbário *Flora lusitanica exsiccata* de Carvalho Monteiro podem ser consultados nesta base de dados. Apresentamos também uma foto de um espécime de *Prunus lusitanica* L. e um pormenor da respectiva etiqueta [Figs. 68 e 69].

Fig. 67 – Herbário A. A. Carvalho Monteiro. Neótipo de *Pinguicula lusitanica* L. recolhido *in arenosis humidis* p. S. Gens, Sta. Cruz do Bispo, circa Porto em Maio de 1883 por Edwin Johnston. NHM London.
Foto Fundação Cultursintra.

Fig. 68 – Herbário A. A. Carvalho Monteiro. Espécime de *Prunus lusitanica* L. recolhido *in sylvis* no Buçaco em Maio de 1849 por Jules Daveau. NHM London.
Foto NHM London.

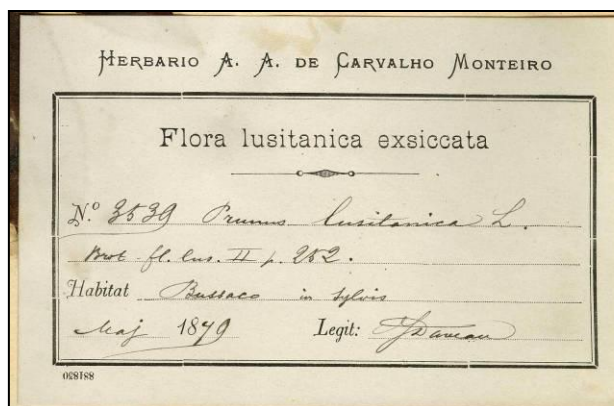



Fig. 69 - Pormenor da etiqueta da Fig. 68.
Foto NHM London.

A colecção de colibris

Embora já fosse conhecido o interesse de Carvalho Monteiro pela ornitologia – em 1873 teve lições de taxidermia com um preparador da Escola Politécnica de Lisboa, antes de viajar para o Brasil (Cruz Alves, com. pess.) – foram agora descobertas referências a dois colibris, um híbrido e outro de espécie não apurada, que confirmaram a existência de uma colecção destas aves, em artigos dos ornitologistas Arthur L. Butler (1927 e 1932) onde escreveu: "…o espécime foi encontrado, não identificado, no meio de algumas espécies brasileiras de uma colecção formada por um "gentleman" português, o falecido Senhor Monteiro de Lisboa…", de Christian Jouanin (1948) que refere uma das aves já citadas por A. L. Butler, e de Jacques

Berlioz (1964) que reanalisa as identificações dos dois espécimes provenientes de “l’ancienne collection Monteiro”. Por outro lado, nos arquivos do Natural History Museum de Londres, foi encontrada uma carta dirigida por Carvalho Monteiro ao Zoological Museum de Tring em Inglaterra, datada de 14-2-1894, solicitando, entre outras coisas, exemplares dos colibris *Metallura baroni* e *Metallura strigularis* [*Phaethornis strigularis*] [Fig. 70].

Lisbonne, le 14 Février 1894

Mess.rs les Éditeurs des "Novitates Zoologicae" du Zoological Museum de Tring.

Je viens vous accuser réception du 1.er volume des "Novitates Zoologicae", qui m'est bien parvenu un de ces jours, et je vous en remercie. En ne m'en indiquant le prix, veuillez me dire si vous voulez que je paye de suite; si non, quand est-ce que je dois le faire et en quel montant.

Comme sur la couverture de ce volume-là je vois annoncés pour la vente quelques oiseaux-mouches, je vous prie de me dire à quel prix pourrait-on obtenir une paire ♂♀ de "Metallura Baroni" et "Metall. strigularis". Veuillez aussi m'envoyer un catalogue complet de tous les doubles de "Lépidoptères", que le musée de Tring possède de disponibles. En attendant le plaisir de vos bonnes nouvelles, je mets à votre disposition mes petits services à Lisbonne, et vous prie, Messieurs, d'agréer mes salutations empressées.

Antonio Aug.to de Carv.o Monteiro

Fig. 70 – Carta dirigida ao Museu de Tring solicitando exemplares de duas espécies de colibris

Os colibris de Carvalho Monteiro estavam assim na posse de Arthur L. Butler (n.1873-f.1939) em 1927, que os integrou na sua própria colecção, a qual foi adquirida em data não determinada por Jacques Berlioz (n.1891-f.1975), célebre ornitólogo francês, que a enriqueceu com a sua própria colecção e as colecções de Eugène Simon (n.1848-f.1924) e Pierre-Émile Gounelle (n.1850-f.1914), tornando-se assim uma das colecções mais importantes do mundo pelo número de exemplares, cerca de 10.000 conservados em 186 caixas, e pelo seu elevado valor científico.

Após o falecimento de Jacques Berlioz a colecção é cedida a Christian Jouanin (n.1925) que a preservou intacta, tendo sido recentemente vendida por este ao Musée des Confluences (anteriormente Musée d'Histoire Naturelle), Centre de conservation et d'étude des collections, 13ª rue Bancel, Lyon, França (Joël Clary, com. pess.).

À semelhança da colecção de borboletas e do herbário, foi igualmente organizada uma visita a este museu pela Fundação Cultursintra na pessoa do Arq. Cruz Alves e pelo autor, tendo como objectivos fazer uma amostragem dos exemplares ex Col. Carvalho Monteiro e a sensibilização dos responsáveis para a importância histórica desta colecção. Dentro do tempo limitado disponível, foram efectuados registos fotográficos de cerca 32 exemplares representando 20 espécies com etiqueta "Monteiro coll.^{n}" conservados em 15 caixas [Figs. 71 a 74]. Foram igualmente localizados os exemplares citados por Arthur L. Butler em artigos de 1927 e 1930, nomeadamente um híbrido e uma fêmea de espécie indeterminada, provenientes do Brasil e da colecção Carvalho Monteiro.

Fig. 71 – Exemplar do colibri *Petasophora serrirostris*.
Foto Musée des Confluences, Lyon.

Fig. 72 – Exemplar do colibri *Amazilia fimbriata*.
Musée des Confluences, Lyon. Foto Fundação Cultursintra

Fig. 73 - Pormenor da etiqueta da Fig. 71.
Foto Musée des Confluences, Lyon.

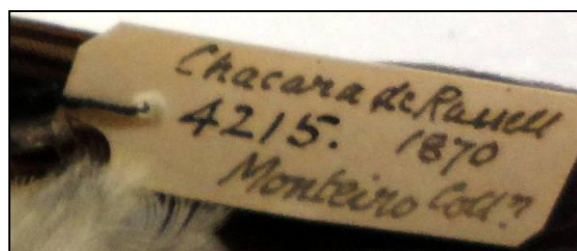



Fig. 74 - Pormenor da etiqueta da Fig. 72.
Musée des Confluences, Lyon. Foto Fundação Cultursintra

Conclusão

Esta comunicação teve o objectivo de dar a conhecer um Carvalho Monteiro apaixonado pelas ciências da natureza, nomeadamente pela entomologia, ornitologia e botânica. Ao longo da sua vida reuniu uma importante biblioteca especializada nestas ciências, bem como valiosas colecções de borboletas, conchas, colibris e herbários, tudo isto dispersado após o seu falecimento em 1920 por Washington DC, Lisboa, Coimbra, Paris, Lyon e Londres.

De todo este legado apenas a colecção de conchas está conservada na totalidade no Museu Zoológico da Universidade de Coimbra, para onde foi doada, e tem um inventário publicado, pelo que não foi analisada nesta comunicação. Contudo, ainda está por esclarecer como foi adquirida.

Persistia assim uma grande lacuna de informação no respeitante às restantes colecções no estrangeiro, nomeadamente quanto à modalidade de aquisição, inventariação dos espécimes, estado de conservação, facilidade de acesso a investigadores, etc. O estado actual do conhecimento sobre essas colecções é o seguinte:

- Biblioteca do Congresso em Washington DC – De momento só é possível identificar isoladamente os livros ex Biblioteca Carvalho Monteiro através de um carimbo com a referência da compra em duas fases, a de 1927-1928 e a de 1929. Está em curso um importante esforço de pesquisa neste domínio liderado pela Fundação Cultursintra.

- Muséum National de Histoire Naturelle de Paris - Colecção Fournier de Horrack – Os exemplares de Carvalho Monteiro possuem etiquetas com a indicação da sua proveniência (ex Coll. Monteiro). Contudo não existe nenhum inventário completo, para além da amostragem fotográfica referida anteriormente, nem foram encontrados documentos relativos à sua aquisição pelo Museu. Não nos foi autorizado examinar a colecção de lagartas “insufladas”.

- Museu Zoológico da Universidade de Coimbra – As gavetas dos quatro armários remanescentes da colecção de borboletas de Carvalho Monteiro foram registadas fotograficamente na totalidade pela Fundação Cultursintra. Não existe um inventário dos espécimes nela presentes, com indicação de locais e datas de captura. Alguns exemplares com asas ou abdómenes partidos necessitam restauro especializado.

- Centro de Zoologia do Instituto de Investigação Científica Tropical – Não existe um inventário dos espécimes presentes na “Colecção Paleárctica”, com indicação de locais e datas de captura, bem como um registo fotográfico das gavetas. Importa apurar se de facto é a colecção de Jean Étienne Berce.

- Natural History Museum de Londres – Os exemplares do herbário de Carvalho Monteiro, que estão incorporados no Herbário Europeu deste Museu, estão identificados com uma etiqueta original de Carvalho Monteiro ou, no mínimo, com uma etiqueta de referência à sua aquisição. Os exemplares provenientes das colectas de Welwitsch em Portugal não possuem estas etiquetas, pelo que será difícil comprovar uma anterior propriedade de Carvalho Monteiro. Não existe nenhum inventário completo, para além da amostragem fotográfica referida anteriormente, nem foram encontrados documentos referentes à sua aquisição pelo Museu.

- Musée des Confluences de Lyon – Os colibris de Carvalho Monteiro encontram-se incorporados nas colecções de Eugène Simon e de Jacques Berlioz, com a indicação “Monteiro coll.^{n}” nas respectivas etiquetas. Existe um inventário completo desta colecção mas os espécimes ex Col. Carvalho Monteiro não estão nele identificados como tal. Para além da amostragem fotográfica referida anteriormente, nada mais se conhece sobre esta colecção.

Linhas de investigação em aberto

Está ainda por estabelecer a origem da colecção de conchas, mais de 10.000 espécimes, actualmente em depósito no Museu da Ciência de Coimbra, que poderá ter sido adquirida através de Arruda Furtado, coleccionador de espécimes de todo o mundo (Cassino, S.E., 1885).

Falta ainda saber quem enviou a Carvalho Monteiro inúmeros exemplares de de Lourenço Marques (hoje Maputo), e ainda quem enviava borboletas de São Tomé.

Agradecimentos:

Manifesto a minha gratidão a todos aqueles que amavelmente contribuíram com dados importantes para esta comunicação, com especial relevância para o Arq. João Cruz Alves da Fundação Cultursintra, pelo manancial de informações cedidas ao autor, devidamente assinaladas ao longo do texto, pela maioria das fotos aqui apresentadas cujos créditos fotográficos estão também registados nas respectivas legendas, e por ter proporcionado as visitas às colecções localizadas no estrangeiro. Ao Dr. Assunção Diniz e Drª Teresa Batista do Museu Zoológico da Universidade de Coimbra, ao Dr. Luís Mendes do Instituto de Investigação Científica Tropical (Centro de Zoologia) em Lisboa, à Drª Sara Albuquerque investigadora da Universidade de Évora, a Jonathan Gregson e Ranee Prakash do Natural History Museum, London, UK, a Jacques Pierre e Thi Hong Nguyen do Muséum Nationale d'Histoire Naturelle, Paris, França, a Joël Clary do Musée des Confluences, Centre de conservation et d'étude des collections, Lyon, França e a Elsie Kyves e Cheryl Fox da Library of Congress, Washington DC, USA, por nos terem recebido nas suas instituições, facultarem o acesso sem reservas às respectivas colecções e autorizarem o seu registo fotográfico. Por último, agradeço a Marie Portas do MNHN Paris e a Robert Prys-Jones do NHM London por me terem ajudado a localizar o paradeiro da colecção de colibris, a Isabelle Sauvage da Société royale belge d'Entomologie pela foto de Carvalho Monteiro, bem como aos meus amigos Dr. António Bivar de Sousa e Dr. José Alberto Quartau pelo incentivo e aconselhamento prestado no início e durante a elaboração deste estudo.

BIBLIOGRAFIA

André, Ed. 1904. Gurania eriantha. *Revue Horticole. Journal d'Horticulture Pratique* . Nouvelle série – **tome 4** : 388-390

Arruda, Luís M. 2002. *Correspondência Científica de Francisco de Arruda Furtado*. 787 pp. Instituto Cultural de Ponta Delgada

Bálint, Zsolt 2004. Further notes on the neotropical hairstreak butterfly genus Paraspiculatus (Lepidoptera: Lycaenidae, Eumaeini). *Folia Entomologica Hungarica Rovartani Közlemények*, **65**: 107-116

Bálint, Zsolt 2005. A review of the Neotropical hairstreak genus Annamaria with notes on further genera (Lepidoptera: Lycaenidae). *Annls hist.-nat. Mus. matn. Hung*., **97**: 109-143

Bálint, Zsolt & Wojtusiak, Janusz 2011. Contribution to the knowledge of Neotropical Lycaenidae: *Brevianta bathoryon* sp. n. from the Western Cordilleras of the Andes with notes on the genus (Lepidoptera: Eumaeini). *Genus – International Journal of Invertebrate Taxonomy*, **22**(2): 205-215.

Baptista, Manuel Dias 1789. Ensaio de huma descripção, Fizica, e Economica, de Coimbra e seus arredores. *Mem. Econ. Acad. R. Sci. Lisboa*, I: 254-298.

Berlioz, J. 1964. La Collection de Trochilidés A. L. Butler. *L'Oiseau et la Revue Française d'Ornithologie*, **34 :** 91-101.

Barros e Cunha, J. G. de, 1933. Catálogo descritivo das conchas exóticas da colecção António Augusto de Carvalho Monteiro Família Conidae. *Memórias e Estudos do Museu Zoológico da Universidade de Coimbra*, sér. 1. (71): 1 -224 .

Blanca, G. & Jarvis, C. E. 1999. Typifications of Pinguicula alpina and P. lusitanica. In Blanca, G., Ruíz-Rejón, M. & Zamora, R., Taxonomic revision of the genus Pinguicula L. in the Iberian peninsula. *Folia Geobotanica* **34**: 337-361.

Bocage, J. V. Barbosa du, 1862 - *Instruções práticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoológicos para o Museu de Lisboa*. Imprensa Nacional.

Bolívar, Ignacio 1889. Ortópteros de Africa del Museo de Lisboa. *Jour. de Sc. Math. Phys. e Nat*., Segunda Série, **1**:73-113

Bolívar, Ignacio 1890. Diagnosis de Ortópteros nuevos. *Anales de la Sociedad Española de Historia Natural*. **19**:299-331

British Museum (Natural History) 1930. Recent Important Aquisitions. *Natural History Magazine*, **2**, nº 14: p.204.

Bulletin ou Comptes-Rendus des Séances de la Société Entomologique de Belgique, 1883, série III, nº 28, page VI.

Butler, A.L. 1927. Note on a Hybrid Humming-Bird. *Bulletin of the British Ornithologists' Club*, **47** (CCCXV): p.134

Butler, A.L., 1932. The 355th Meeting of the Club. *Bulletin of the British Ornithologists' Club*, **52** (CCCLX): 130-131.
Cambefort, Yves 2006. *Des coléoptères, des collections des hommes*. 375 pp. Publications Scientifiques du Museum national d'Histoire naturelle.
Carvalho, F. Santos 2007. Considerações sobre uma fotografia de António Augusto Carvalho Monteiro (1848-1920). *Bolm Soc. Port. Ent.* **215** (VIII-1): 1-12
Cassino, S.E., 1885. *The International Scientists Directory*, S. E. Cassino, Publisher, Boston
Cassino, Samuel E. 1896. *The Scientist's International Directory*. S. E. Cassino, Publisher, Boston.
Colette, Sidonie-Gabrielle 1944. *Paris de ma Fenêtre*. 239 pp. Éditions du Milieu du Monde.
Descourtilz, Jean Theodore [1852]. *Ornithologie Brésilienne, ou Histoire des Oiseaux du Bresil remarquables par leur plumage, leur chant ou leurs habitudes.* Rio de Janeiro: l'Imprim. de Joseph Masters et Cie.
Dubois, Ch.-F & Dubois, Alphonse fils, 1874. *Les lépidoptères de la Belgique, leurs chenilles et leurs chrysalides décrits et figurés d'après nature.* Muquardt, Merzbach et Falk (Bruxelles).
Émile Deyrolle, Naturaliste 1889. *Catalogue des Instruments pour la Recherche des Objects d'Histoire Naturelle et leur Classement en Collection.* Musée Scholaire Émile Deyrolle.
Fairmaire, L.; Berce; s. d. *Guide de L'Amateur d'Insectes*. Librairie Zoologique de Emille Deyrolle Fils. Edição anterior à mudança da morada deste editor para a '46 Rue du Bac' que se efectuou em 1881.
Forbush, E. H. & Fernald, C. H. 1896. *The Gypsy Moth. Porthetria dispar (Linn.)*: 776 pp. Wright & Potter Printing Co. Boston
Garcia-Pereira, P. 2003. *Mariposas diurnas de Portugal continental: Faunística, Biogeografía y Conservation*. Tesis Doctoral.
Granger, Albert 1905. *Guide de L'Amateur D'Insectes*. Les Fils D'Émile Deyrolle, Editeurs
Guimarães, José A. 1887. Orchideographia Portugueza. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **5**: 17-84
Haase, Erich 1892. Untersuchungen über die Mimicry auf grundlage eines Natürlichen Systems der Papilioniden. *Bibliotheca Zoologica*, Heft VIII, pp. 161, taf. VIII.
Horn, W. & Kahle, I. 1935-1937. Über Entomologische Sammlungen, Entomologen und Entomo-Museologie. *Entomologische Beiheft*. **2 – 4:** VI + 536 pp, Tafel I – XXXVIII.
Johnson, Kurt & Coates, Steve 1999. *Nabokov's Blues, the Scientific Odyssey of a Literary Genius*: 372 pp. McGraw-Hill.
Johnson, Kurt 1991. Types of Neotropical Theclinae (Lycaenidae) in the Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris. *Journal of the Lepidopterists' Society*, **45**(2): 142-157.
Jouanin, C. 1948. Liste des Trochilidés trouvés dans les collections commerciales de Bahia. *L'Oiseau et la Revue Française d'Ornithologie*, **18**: 104-116.
Kofoid, Charles A. 1923. A Little Known Ornithological Journal and its Editor, Adolph Boucard, 1839-1904. *The Condor*, **24.**
Lathy, Percy I. 1930. Notes on South American Lycaenidae, with descriptions of new species. *Transactions of the Royal entomological Society of London*, **78**(1): 133-137, pl. 9.
Les Fils D'Émile Deyrolle, 1931 - *Instruments pour les Sciences Naturelles*.
Mattozo Santos, F. 1884. Contribuitions pour la faune du Portugal. I. Lépidoptères Rhopalocéres. *Jour. de Sc. Math. Phys. e Nat.*, **37**: 53-66.
Mattozo Santos, F. 1895. Notas de Zoochorographia Portugueza. I. Lepidópteros da Serra da Estrella. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, **14** (2): 139-191.
Mendes, Candido 1910. Satyrus actaea Esp. (Lepid.) da Serra da Estrella (Portugal); Variabilidade de Coenonympha dorus Esp. em Portugal; Callophrys Avis – novo lepidoptero diurno de Portugal. *Brotéria, Série Zoológica*, **9** (1): 59-68, 2 estampas.
Monteiro, A. A. Carvalho 1883. Une variété nouvelle de Lépidoptère. *Jour. de Sc. Math. Phys. e Nat*., **34**: 107-109.
Montillot, L., 1890. *L'Amateur D'Insectes*. J. B. Bailliére et Fils.
N. Boubée & Cie 1964. *Instruments-Appareils-Matériel de Laboratoire*.
Oliveira, Arnaldo Henriques 1958. *Catálogo da magnífica e preciosa Biblioteca formada pelo distinto bibliófilo Paulo Ferreira*. Leilão nº 208: 1-301.
Oliveira, Paulino de ; Marseul, S. A. 1879. Etudes sur les insectes d'Angola qui se trouvent au Muséum National de Lisbonne. *Jour. de Sc. Math. Phys. e Nat,* **25**: 37-38.
Oliveira, Paulino de 1882. Catalogue des Insectes du Portugal. *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto*, **2**: 38
Proença, R., 1920. Notas e Comentários. *Anais das bibliotecas e arquivos de Portugal*, p.307.
Proença, R., 1924. *Guia de Portugal – Lisboa e Arredores*. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian (1979).
Rebillard, P. 1958. Contribution a la Connaissance des Riodinidae Sud-Américans. *Mémoires du Muséum National D'Histoire Naturelle*, Nouvelle Série, Série A, Zoologie, **15** (2).
Rubio, Fidel Fernandes 1991. *Guia de Mariposas Diurnas de la Peninsula Ibérica, Baleares, Canárias, Azores e Madeira*. Ed. Piramide.
Seabra, A. F. 1907. *Estudos sobre os animais úteis e nocivos à agricultura. Instruções práticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter insectos para o Laboratório de Pathologia Vegetal*. Imprensa Nacional
Seebold, F. 1898. Catalogue Raisonné des Lépidoptères des environs de Bilbao (Vizcaya). *Anales de la Sociedad Española de Historia Natural*, serie II, **7** (27): 118.

Sequeira, Eduardo 1888. *Guia do Naturalista, Coleccionador, Preparador e Conservador*. Porto, Livraria Cruz Coutinho.

Spix, Johann Baptist von 1824 - 1825. Avium Species Novae quas in itinere per Brasiliam annis MDCCCXVII – MDCCCXX, Typis Francisci Seraphi Hybschmanni.

Staudinger, O. & Schatz, E. (Eds.) (1884-1888). *Exotische Tagfalter* in sysmatischer Reihenfolge mit Berücksichtigung neuer Arten in O. Staudinger & E. Schatz *Exotische Schmetterlinge*. **1**:169-170 (333)

Staudinger, O. 1892. Zwei neue Charaxes-Arten. *Deutsch Entomologische Zeitschrift heransgegeben von der Gesellschaft Iris zu Dresden*, **5**: 260-264.

Tavares, J. S. 1900. As Zoocecidias Portuguezas. *Annaes de Sciencias Naturaes*. **7***:* 46.

Vandelli, Domingos 1797. Florae, et faunae lusitanicae specimen. *Mem. Acad. R. Sci. Lisboa*, I: 37-79), 1797

Vane-Wright, R. I. 1974. Eugène le Moult’s *Prepona* types (Lepidoptera: Nymphalidae, Charaxinae). *Bulletin of the Allyn Museum*, **21**: 1-10.

Watkins & Doncaster the Naturalists 196? *The Finest Equipment for all Natural Sciences*.

Wilkinson, Ronald S., 1975 – The rise and fall of the Pincushion. *The Entomologist’s Record and Journal of Variation*, **87**(5)

ANEXO I

Fotos http://www.butterfliesofamerica.com e MNHN Paris

Thestius azaria (Hewitson, 1867) (tipo de *Lamprospilus azaria ab. decyanea* Lathy, 1932)

Face superior

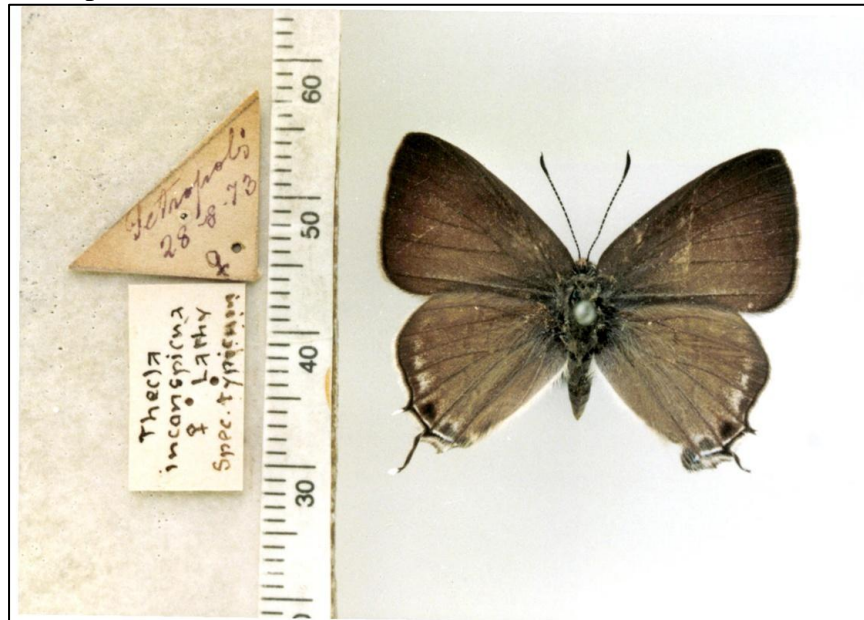
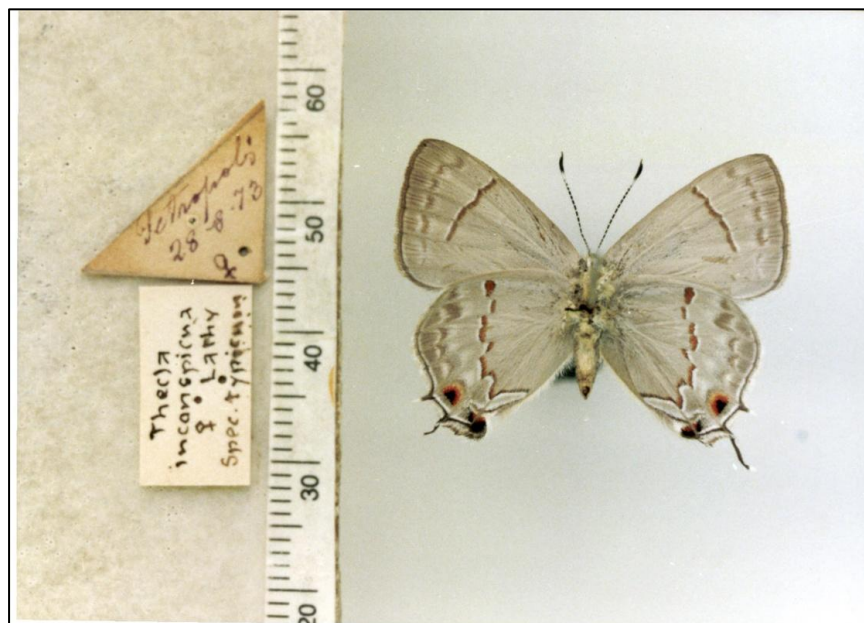
Face inferior

Trichonis immaculata Lathy, 1930 (tipo)

Face superior

Face inferior

Strymon serapio (Godman & Salvin, 1887) (tipo de *Thecla inconspicua* Lathy, 1930)

Face superior

Face inferior

Erora campa (E. Jones, 1912) (tipo de *Thecla lilacina* Lathy, 1930)

Face superior

Face inferior

Thereus ortalus (Godman & Salvin, 1887) (tipo de *Thecla ortaloides* Lathy, 1930)

Face superior

Face inferior

Rhamma familiaris (K. Johnson, 1991) (tipo de *Thecla commodus viridis* Lathy, 1930)

Face superior

Face inferior

Janthecla janthina (Hewitson, 1867) (tipo de *Thecla janthina venezuelae* Lathy, 1930)

Face superior

Face inferior

*Erora melba (*Hewitson, 1877) (tipo de *Thecla peculiaris* Lathy, 1930)

Face superior

Face inferior

ANEXO II

NOTICE HISTORIQUE SUR LA COLLECTION ENTOMOLOGIQUE

AIMEE FOURNIER DE HORRACK

M^{me} Aimée Fournier de Horrack. Foto na sala da sua colecção, MNHN, Paris

C'est en 1916, ou quelque peu avant, que fut commencée la Collection de papillons exotiques de M^{me} Gaston Fournier de Horrack. Durant vingt-cinq années, à la mesure de ses goûts, de ses possibilités, elle parvint à construire ce monument scientifique d'une incomparable richesse. Elle sut s'adjoindre des collaborateurs d'élite, maintenir des relations constantes avec des chasseurs spécialisés, des naturalistes, qui tendirent un vaste réseau. Celui-ci – comme le filet de gaze retient l'insecte prisonnier - fit converger vers M^{me} Fournier les captures les plus rares du g1obe.

Pour mieux comprendre et apprécier à sa juste valeur cette collection, il convient de suivre depuis son origine les étapes de sa formation et de connaître la personnalité de celle qui la conduisit au terme où elle est présentée actuellement.

Cette personnalité portait en elle le goût inné de l'Histoire naturelle. Amie compréhensive des bêtes, délicatement attentive aux fleurs, passionnément curieuse des manifestations de la vie dans tous ses domaines, c’est vers le monde des insectes qu'elle se sentait plus particulièrement attirée.

On la comparerait volontiers à Marie-Sybille Mérian, naturaliste allemande du début du XVIII siècle, fille du graveur de Francfort qui, au cours d'un séjour en Hollande et à la vue des collections privées des notables d'Amsterdam, n'eut d'autre désir que de partir en Guyane d'où elle rapporta des collections qui firent la matière d'un livre, merveilleusement gravé et enluminé par elle.

Comme elle, M^{lle} de Horrack, devenue plus tard par son mariage M^{me} Gaston Fournier, fut intéressée par l'Entomologie en visitant une collection de papillons exotiques à Bayreuth, ou son amour de la musique wagnérienne l'attirait chaque année. La vue d'un monde insoupçonné de formes et de couleurs l'éblouit et força son admiration. Elle décida aussitôt d'acquérir cette

collection et sans doute, au début, n'eut-elle d'autre intention que de réunir quelques cadres contenant les espèces les plus décoratives.

Elle acheta chez les Naturalistes ce qui séduit toujours le collectionneur débutant: les Morphos bleus, les grands Ornithoptères indo-malais, les Piérides bariolées. Les cadres-tiroirs, assemblés en deux meubles, voisinaient dans son appartement avec des aquariums rnerveilleusement peuplés et des vitrines de rninéraux aux tons chatoyants.

Mais bientôt les acquisitions de papillons sans cesse plus importantes nécessitèrent l'aménagement d'un vaste local, qui fut meublé d'armoires pouvant contenir un millier de cadres vitrés. C'est là que se trouvait la Collection, classée Monument historique en 1947 par le Ministère de la Jeunesse, des Arts et des Lettres.

Dès ce jour Mlle de Horrack ne pouvait plus être considérée comme un simple amateur. L'ampleur de ses vues appela très vite d'autres nécessités, car il fallait non seulement protéger, mais recevoir, préparer, classer les acquisitions. Cinq spécimens ne suffisaient pas pour réaliser à eux seuls les variations possibles d'une espèce; il en fallait 15, 30...

Des offres commençaient à venir d'Angleterre, d'Allemagne. C'est alors que Mme Gaston Fournier choisit comme préparateur et conservateur de sa Collection Percy I. Lathy. Le rôle de cet entomologiste anglais, ancien «curator» de la Collection Adams, Correspondant du British Muséum, membre de plusieurs Sociétés savantes, fut considérable. Il avait à son actif de nombreuses publications dans des périodiques anglais et son nom faisait autorité dans la connaissance de certains groupes de Lépidoptères exotiques.

C'est donc à Percy Lathy que fut confié le soin de développer et d'entrenir la collection. Mais tel était le travail et l'ampleur de ses vues qu'il lui fallut bientôt s'adjoindre un préparateur occupé exclusivement à étaler les spécimens qui arrivaient de toutes parts, cependant que lui-même ralliait les chasseurs, achetait, classait, échangeait, correspondait avec les Musées étrangers et les grands collectionneurs. Le flegme légendaire de Lathy n'était ébranlé que devant une capture inédite: encore fallait' il que le sujet fût de choix. Il n'hésitait pas à payer fort cher un lot entier de chasse provenant d'une région jusqu'alors non prospectée, et il n'avait pas d'égal pour repérer d'un coup d'œil rapide la pièce inédite, dans un cadre de cinquante Lycènes. Malgré l'installation et les ressources mises à sa disposition, Lathy comprit qu'il ne pouvait enrichir la collection en dispersant son activité dans toutes les familles.

Mme Gaston Fournier s'attachait surtout aux genres qui comprenaient les espèces les plus rares, les coloris les plus éclatants, les dessins les plus délicats. Il fallait s'orienter vers la réunion et l'étude approfondie de familles bien limitées. Ainsi pourrait être constitué un ensemble scientifique de valeur.

Deux moyens d'action s'offraient à Lathy: d'une part ses relations en Angleterre avec des collectionneurs recevant des envois d'Afrique du Sud, de chasseurs réputés comme Barnes et Hopkins, lui permettaient de s'intéresser aux Nymphalides de ce continent tels que les Charaxes; d'autre part il pouvait parallèlement poursuivre l'étude des Nymphalides du Nouveau Monde appartenant au genre Agrias - jusqu'alors fort peu connu et dont les exemplaires ne parvenaient qu'en échantillons isolés du Bas Amazone, capturés par quelques chasseurs tels que Fassl, Strympl, Hugo Boy – et profiter de ces mêmes territoires de chasse pour développer les collections de Morphos, Erycinides et Lycénides déjà existantes.

Il fut décidé de limiter la collection à cinq groupes: Charaxes Agrias, Morpho, Erycinides, Catagramma; mais, pour l'enrichir, des sacrifices s'imposèrent; c'est ainsi que partirent en Angleterre, comme monnaie d'échange, les rares Ornithoptères de la Nouvelle-Guinée, les splendides séries de Delias qui prirent place au Hill Museum, les Hépiales géantes du Queensland australien qui furent acquises par Rosemberg, de Londres.

En revanche Watkins, qui chassait les Morpho au Rio Inambari, au Pérou méridional, sachant que Mme Fournier achetait à prix élevé certaines espèces rares, partagea ses envois entre elle et Joicey, propriétaire du Hill Museum.

La seule femelle connue du très rare Morpho Zephiritis fut convoyée en avion, de Londres, par G. Talbot, curateur du «Hill Museum», au grand émoi de Lathy qui estimait l'avion trop peu sûr pour le transport de cette pièce unique.

Ce fut entre 1920 et 1935 que la collection acquit l'importance qu'elle conserve actuellement. Fassl le grand chasseur d'Agrias, mort en 1928, à Mauès, de dysenterie contractée dans la jungle brésilienne, fut remplacé par Otto Michael, qui envoyait ses chasses à une firme étrangère. Celle-ci réservait les pièces les plus rares à M^me^ Fournier. Lathy se rendait à Dresde, comme à Londres, pour les commandes importantes, et à Paris il avait toujours priorité pour ses achats chez certains naturalistes. C'est ainsi que, des premiers spécimens connus de Charaxes Fournierae, le plus beau appartient à la collection de M^me^ Fournier; le second, en moins bon état, est au British Museum.

Ces quinze années furent les plus fécondes pour la collection. Elles virent l'achèvement du grand ouvrage de Seitz sur les papillons exotiques - commencé en 1906 - la parution des travaux superbement illustrés de Ch. Oberthür, de Lord Rothschild, de R. Biedermann-Mantel, sur leurs propres collections, de la revue «Lepidoptera» dirigée par F. Le Cerf, du Laboratoire d'Entomologie du Muséum, des publications de Lathy, en particulier ses «Thèses entomologiques» illustrées et coloriées à la main par M^lle^ Odette du Puigaudeau.

Indépendamment des chasseurs déjà cités, Miss Wallsch , à Java, Lamberton à Madagascar, Dodd en Australie, apportaient leur contribution à la connaissance des Lycènes et des Charaxes indo-malais. Au cours de cette même période trouvèrent place, dans ce qui constitue aujourd'hui la collection Fournier, des parties importantes de collections célèbres telles que : Carvailho Montero (sic) de Lisbonne, Grose Smith de Londres, Larsen de Suède, Dicksee, Fruhstorfer et Charles Oberthür de Rennes... Em même temps se constituait une bibliothèque composée des grandes publications françaises et étrangères, et d'ouvrages spécialisés.

Quand M^me^ Fournier dut se séparer de Lathy, en 1935, la collection était pratiquement achevée, si tant est qu'une collection puisse l'être jamais; cependant, comme nous le disions plus haut, elle se trouvait déjà, à peu de chose près, dans son état actuel.

Les apports qui vinrent encore l'enrichir dans les quatre années qui précédèrent la guerre furent, pour la faune américaine, les chasses de Klug sur le Rio Huallaga et en Colombie méridionale, celles de Wucherpfennig sur le Bas et le Moyen Amazone.

M^me^ Fournier, après le départ de Lathy, avait conservé son préparateur-adjoint, V. Paskevsky. Celui-ci entretint la collection jusqu'au début je l'occupation allemande. Il fut remplacé par F. le Cerf, sous-directeur honoraire du Laboratoire d'Entomologie du Muséum. Le Cerf entreprit en 1943 une révision systématique des Erycinides entrainant la manipulation de milliers d'exernplaires que lui seul, grâce à ses connaissances approfondies, pouvait mener à bien.

Ce travail, déjà .commencé par Lathy une dizaine d'années auparavant, devait être complété par une publication dont la partie iconographique prenait quatre planches magnifiquement exécutées par M^lle^ du Puigaudeau. Les dissections et le montage des «genitalia», faits au laboratoire dépendant de la collection, étaient en cours d'exécution quand Le Cerf fut emporté par une pneumonie, en janvier 1945.

Cette brusque disparition laissa M^me^ Fournier désemparée. Il s'agissait de continuer le travail de reclassement soudain abandonné dans un désordre heureusement plus apparent que réel. Les loisirs forcés de la guerre nous avaient amené, en qualité d'ami de Le Cerf, à le suivre d'assez près dans ses travaux. Nous proposâmes à M^me^ Fournier d'achever l'œuvre entreprise, et en une année les séries d'Erycinides, de Catagramma et d'Agrias retrouvèrent leurs places respectives.

Nous apprîmes ainsi à mieux connaitre, puis à aimer celle que ses intimes appelaient «Twinka».

Malgré la fatigue provoquée par les longues stations debout devant les tables chargées de casiers, les traits crispés et les mains serrées sur les poignées de ses cannes, elle tenait à suivre elle-même notre travail. Parfois cependant, après un long classement qui ne concernait que des espèces monochromes, je sentais son esprit s'évader. Je disposais alors devant elle les cadres préférés, ceux qui contenaient les espèces les plus brillantes, afin de rappeler son attention.

Certains papillons, ceux même qui étaient parés des plus belles livrées, la laissaient parfois indifférente; son visage, qui s'éclairait à la vue d'une espèce rare, se fermait tout aussi bien, avec

un sourire de convenance polie, devant ce qui ne l'intéressait pas. Lorsqu'elle disait simplement: «c'est ravissant», ce ravissement ne trompait pas ses proches. Ceux-ci, par contre, savaient qu'une phrase qui semblait de peu d'importance marquait la ferme volonté et le désir le plus tenace du collectionneur.

Le monde étincelant, multicolore, des minéraux avait aussi sa prédilection, et elle fut séduite par la pureté des cristaux et des gemmes, les veines capricieuses des agates, la coulée dense des malachites et la féerie surnaturelle des pierres luminescentes.

Hormis sa culture musicale, qui était grande, et l'égyptologie dont elle tenait de son père des connaissances et un goût marqués, l'esprit de M^me^ Fournier était principalement ouvert à tout ce qui se rapportait à l'Histoire naturelle. Heureuse de connaitre et plus encore de faire connaitre, elle jouissait de l'étonnement de certains visiteurs à la vue d'un comportement naturel insoupçonné, qu'il s'agit d'un poisson, d'un insecte, d'une diatomée...

Cette curiosité scientifique était à la base de ses lectures: elle s'étendait aux phénomènes de mimétisme, d'hérédité, d'adaptation au milieu dont elle aimait la figuration.

Botaniste, elle se plaisait à nommer, au cours de ses promenades en Ile-de- France ou en Bretagne, les fleurs, les herbes odorantes, les arbres; elle passait de longues heures dans les allées et les serres de son parc de Louveciennes, parmi les cactées, les roses... Elle avait un attachement particulier pour son jardin japonais.

Dans les dernières années de sa vie, M^me^ Fournier s'intéressa à la préhistoire; elle parlait avec passion des découvertes les plus récentes concernant la filiation de l'espèce humaine.

Mais depuis longtemps déjà sa vie physique tenait chaque jour aux efforts extraordinaires provoqués par une marche de plus en plus difficile et par la lutte contre la douleur qu'elle supportait sans se plaindre.

Quand vint l'heure où les ombres de la mort figèrent ses traits, ce fut d'une pression de la main qu'elle exprima son dernier désir à l'amie fidèle penchée vers elle et lui confia le soin de préserver l'œuvre de sa vie.

Cette ultime pensée a guidé et animé M^lle^ Elvire Choureau, à qui nous devons la présentation dans son état actuel de cette collection. Elle nous permet ainsi d'apprécier l'effort accompli par M^me^ Gaston Fournier, à présent que toutes les grandes collections entomologiques ont été dispersées en ventes publiques, ou intégrées dans des Musées nationaux.

Notre souhait eût été de voir demeurer en son intégrité, dans le rez-de-chaussée du Boulevard Malesherbes, cette collection exceptionnelle, afin de lui conserver sa personnalité. Devant certaines séries, les plus belles qui soient au monde et choisies parmi les quarante mille spécimens enfermés dans les armoires, les visiteurs n'auraient pu dissocier de leur contemplation celle qui sut 'former un ensemble aussi précieux et qui, malgré sa modestie, en était si fière.

Nous avons dû nous séparer du monument scientifique qui nous avait été confié, mais nous avons la satisfaction de le voir recueilli par le Muséum d'Histoire naturelle, seul établissement scientifique de France qualifié pour le conserver intégralement tel que M^me^ Fournier l'a formé, pour l'entretenir, le faire apprécier... l'honorer. *Ad perpetuam rei memoriam*.

Docteur Pierre Rebillard

BIBLIOGRAFIA

Rebillard, P. 1958. Contribution a la Connaissance des Riodinidae Sud-Américans. *Mémoires du Muséum National D'Histoire Naturelle*, Nouvelle Série, Série A, Zoologie, **15** (2).

ANEXO III

Gurania eriantha (Poepp. & Endl.) Cogn.

L'espèce que nous figurons aujourd'hui a été découverte au Pérou par Poepig et décrite par lui sous le nom d'Anguria eriantha, dont le qualificatif signifie à fleurs laineuses, allusion aux nombreux poils blancs soyeux qui tapissent toute l'inflorescence. Cette belle plante a été introduite vivante en Europe en 1903 par un amateur distingué, M. de Carvalho Monteiro, de Lisbonne, qui l'avait reçue du Para. Elle a fleuri chez lui en serre et nous l'avons fait peindre sur les échantillons qu'il nous a adressé en nous demandant le nom de la plante par l'intermédiaire de notre collaborateur M. H. Cayeux, directeur des jardins de l'Ecole polytechnique de Lisbonne. La localité indiquée pour la provenance, le Para, à l'embouchure de l'Amazone, nous ayant paru suspecte pour une plante trouvée prés de Yurimaguas par Poeppig, qui a surtout exploré les versants orientaux des Andes du Pérou, M. de Monteiro, consulté par M. Cayeux, répondit qu'en effet la plante qui lui avait été expédiée du Para venait bien du Maranon ou Haut-Amazone.

…La plante est conforme aux échantillons originaux de Poeppig qui se trouvent dans l'herbier de Vienne, et à ceux du docteur Jameson qui a retrouvé cette espèce dans l'Ecuador et dont les plantes sèches sont à Kew.

…En attendant que des échantillons femelles du Gurania eriantha soient introduits et que nous puissions en voir les fruits, nos serres et nos jardins vont posséder cette gracieuse liane, qui se multipliera par boutures. Ses étranges fleurs auront le plus grand succès par leur forme et leur

coloris rose cinabre qui n'a pas d'équivalents dans les plantes grimpantes aujourd'hui connues. La serre chaude ou au moins la bonne serre tempérée lui sera nécessaire.

BIBLIOGRAFIA

André, Ed. 1904. Gurania eriantha. *Revue Horticole. Journal d'Horticulture Pratique* . Nouvelle série – **tome 4** : 388-390

ANEXO IV

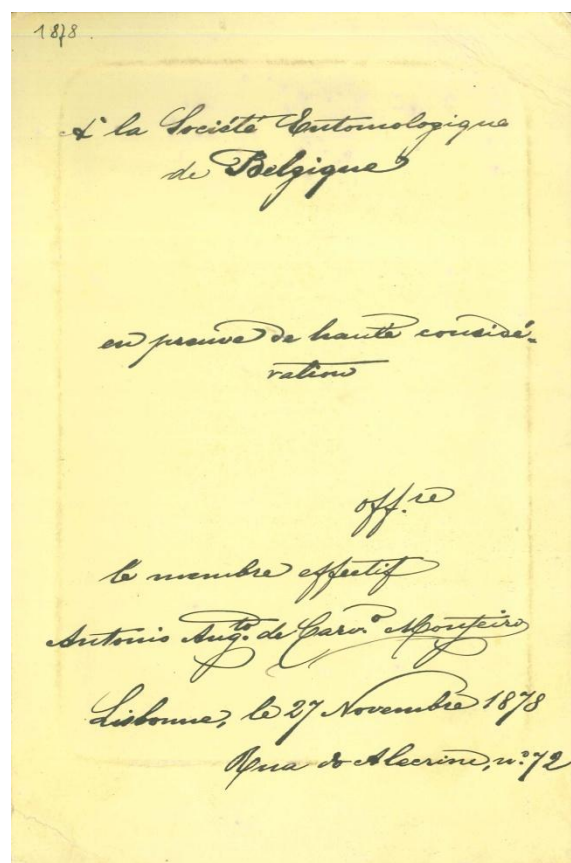
Foto de Carvalho Monteiro, frente e verso, enviada por este à Société Entomologique de Belgique em 1878, na qualidade de membro efectivo. Foto digitalizada por cortesia de Isabelle Sauvage da Société royale belge d'Entomologie.

1878

A la Société Entomologique
de Belgique

en preuve de haute considé-
ration

Off.re

le membre effectif
Antonio Aug.to de Carv.o Monteiro
Lisbonne, le 27 Novembre 1878
Rua do Alecrim, n.º 72

BIBLIOGRAFIA

Bulletin ou Comptes-Rendus des Séances de la Société Entomologique de Belgique, 1883, série III, nº 28, page VI.